

# **Contribuição ao Ensino da Leitura**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Educação Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

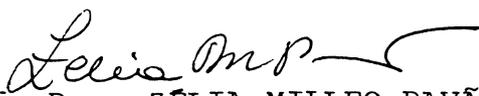
1983

CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA LEITURA

DENISE GREIN SANTOS

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre no Curso de Pós-graduação em Educação, pela Comissão formada pelos professores.

ORIENTADOR

  
Profa.Dra. ZÉLIA MILLEO PAVÃO

CONSULTOR

  
Profa. Dra. HELOÍSA LÜCK

PROFESSORES ORIENTADORES

Z É L I A      M I L L Ê O      P A V ã O  
Docente-livre em Estatística Educacional  
Doutor em Estatística Geral e Aplicada  
Universidade Federal do Paraná  
Professor titular da U.F. PR.

H E L O I S A      L Ü C K  
Doutor em Educação  
Columbia University  
Professor Adjunto - UF.PR.

Àquele  
que leu meu trabalho  
como ninguém  
dedico meus escritos.

São meus agradecimentos:

À AYMARA S. RIBAS

que revisou e enquadrou as referências bibliográficas.

À Dra. ZÉLIA MILLEÓ PAVÃO

e

À Dra. HELOÍSA LÜCK

que acompanharam e orientaram com paciência, dedicação,  
zelo e eficiência profissional o meu trabalho.

## S U M Á R I O

Página

Resumo	
Summary	
Résumé	
Introdução	1
Abrangência e conceituação da leitura	7
Leitura como fator de desenvolvimento	23
Leitura como forma de comunicação	37
Desenvolvimento do hábito de leitura	45
Aspectos pedagógicos no ensino da leitura	62
Conclusões e recomendações	80
Referências bibliográficas	86

## RESUMO

A importância da leitura é inegável em todas as atividades do ser humano. Constitui-se em princípio basilar de comunicação, a vivificar a palavra escrita e a ensejar o intercâmbio de idéias e pensamentos entre países e nações. Fonte imediata de conhecimento, alça-se como o veículo mais eficiente para a investigação e a pesquisa. Permite ao leitor estudar em seu ritmo característico, ampliar seus horizontes culturais dentro de opções próprias.

A leitura pode-se converter também em lazer, em passatempo agradável, ultrapassando as fronteiras ambientais e enriquecendo a monotonia do quotidiano, tudo pelo manancial de novas opiniões, reflexões e argumentos que oferece.

O nível de leitura fica na dependência das necessidades específicas do leitor e a da variedade de seu uso. Se for rápida, descompromissada, é leitura de consumação; já a que conduz às investigações mais profundas, é a de produção.

Em rigor, o cidadão precisa aprender a ler de modo correto, particularmente para não se prestar a manipulações ideológicas. É sabido que todo texto apresenta condições de manipular o leitor e exercer influência no seu comportamento social, pois permite um largo contacto com novas convicções e diversos pontos de vista. Saber ler é inferir o conteúdo a partir do texto, aliado à experiência anterior e à interpretação subjetiva. Daí

vai-se extrair o que é útil e deve ser assimilado.

Por sua imensa serventia na existência do indivíduo, a leitura merece atenção especial dos educadores. Uma vez que o ato de ler é alicerce da intelectualidade, a ação pedagógica há de ser a mais estimulante, para que cada aluno faça dele processo pessoal de crescimento. Por isso, o ambiente escolar, especialmente nas aulas de leitura, será altamente atraente, ameno, com adoção de livros adequados que forneçam, pela correção da linguagem, excelência de mensagens e precisão de vocabulário, exemplo do escrever correto. Assim, concomitantemente ao ler, o aluno vai desenvolver o gosto pela escrita.

O professor ocupa lugar de prestígio na formação do aluno e na tarefa pedagógica. É ele que, com suas características individuais, incentiva, motiva, desperta o interesse, o espírito de pesquisa e baliza as aulas de leitura. Necessário, de conseguinte, professores capazes, criativos, ornados de boa formação profissional e preocupados com sua atuação. São, numa palavra, os responsáveis diretos pelo sucesso do ensino da leitura.

De outra parte, a didática da leitura, nos cursos de magistério e de aperfeiçoamento docente, oferecerá os pré-requisitos para o professor lecionar com eficácia.

Uma avaliação constante e contínua do ensino do ler permite, não só o acompanhamento de todas as fases do trabalho e do progresso do aluno, como também a correção das falhas dentro do menor tempo possível.

Enfim, nada obstante haja consenso sobre a relevância da leitura, não se conseguiu ainda, apesar dos esforços diligenciados nessa direção, conceber uma sistemática de aprendizagem da dimensão e amplitude desejáveis.

## RÉSUMÉ

L'importance de la lecture en toutes les activités de l'homme est incontestable. Elle est le principe même de la communication; elle anime les mots écrits et permet l'échange d'idées et de pensées entre les pays. Source directe de la connaissance, elle est pour cela l'instrument le plus efficace de recherche. Elle permet au lecteur le choix du rythme de ses études.

La lecture peut être aussi une forme de loisir, un agréable passe-temps, puisqu'elle nous conduit au delà de notre environnement et enrichit la monotonie du jour-le-jour, source qu'elle est de nouvelles opinions, réflexions et arguments.

Le niveau de lecture dépend des besoins du lecteur, et de l'usage que l'on en fait. Selon que ce soit une lecture rapide, sans engagements, ou au contraire, une lecture qui conduit à des enquêtes plus profondes, elle est lecture de consommation ou de production.

Il faut apprendre à lire de façon correcte, pour ne pas se prêter à manipulations idéologiques. C'est un fait connu que tout texte présente des conditions de manipuler le lecteur et d'exercer une influence sur son comportement social, puisqu'il permet un large contact avec de nouvelles convictions et des points de vue les plus divers. Savoir lire c'est savoir déduire le contenu à partir du texte, appuyé par l'expérience et l'interprétation subjective. De là l'on va extraire ce qui est utile

et doit être assimilé.

La lecture mérite une attention toute spéciale des enseignants, pour tout ce qu'elle représente dans la vie. La lecture est la base de l'intellectualité, il est donc nécessaire que l'action pédagogique soit absolument stimulante, de façon à ce que chaque élève s'en serve comme instrument de développement. Pour atteindre ce but, l'ambiance scolaire, spécialement dans classes de lecture, doit être attrayante, et le choix des livres doit tenir en compte la richesse du texte et du vocabulaire, la correction de la forme, l'excellence du contenu. De cette façon, l'élève développera en même temps le goût de la lecture et la facilité d'écrire.

Le professeur joue un rôle très important dans la formation de l'élève et le travail pédagogique. C'est lui qui, par ses traits de caractère, stimule, réveille l'intérêt, l'esprit de recherche, oriente les classes de lecture. Voilà pourquoi il est nécessaire d'avoir des professeurs compétents, créatifs, de bonne formation professionnelle et imbus de l'importance de leur travail. Ils sont, en un mot, les responsables directs du succès de l'enseignement de la lecture.

D'autre part, la didactique de la lecture, dans les cours de spécialisation et de perfectionnement du professorat, offre les conditions à ce que les enseignants puissent accomplir leur tâche avec efficacité.

L'évaluation constante et continue de l'enseignement de la lecture permet d'accompagner toutes les phases du travail et du progrès de l'élève, et de corriger au plus vite les défauts observés.

Enfin, malgré l'unanimité quant à l'importance de la lecture, l'on n'est pas encore arrivé, malgré tous les efforts dans ce sens, à concevoir une méthode d'enseignement de lecture aux dimensions et amplitude désirables.

## SUMMARY

The importance of reading is undeniable in every area of life. It is, a basic principle of communication, to enliven the written word and to permit the exchange of ideas and thoughts between nations. As a readily available source of information it is considered to be the most efficient vehicle for research and study. It permits the reader to study at his own pace and to enlarge his cultural horizons.

Reading can become a pleasant passtime, surpassing the immediate barriers of surroundings, and enriching the routine of each day. It is also a source of new opinions, ideas and arguments for our evaluation.

The reading level depends upon the needs of the reader and the variety of its use. Casual reading requires little commitment and is an end in itself, while reading which demands deeper study can be more productive.

Strictly speaking, a person needs to learn to read correctly, particularly so he is not open to ideological manipulations. It is known that each text presents ways of manipulating the reader and exercises possible influence on his social behavior, because it permits much contact with new convictions and diverse points of view. Knowing how to read is the ability to evaluate the content together with your previous experiences and arrive at a subjective interpretation. Then it is possible to extract what is useful and what should be assimilated.

For its great usefulness in the life of an individual, reading merits special attention by educators. Once that reading becomes the basis of the intellect, the act of teaching has to be more stimulating, so that each student can develop at his own personal rate. For this reason, the school atmosphere, especially in reading classes, must be highly attractive, pleasant and with a good selection of current books that provide excellent messages with precise vocabulary and good examples of how to write.

The teacher occupies a prestigious place in the development of the student and in the job of reading. It is he, that, with his own personal characteristics stimulates, motivates, awakens interest and the spirit of studying and establishes the criteria for reading classes. Consequently, it is necessary that teachers be capable, creative, with good professional background and being constantly brought up-to-date. In other words, teachers are directly responsible for the success of teaching reading.

For this reason teacher training in methods of teaching reading offers the necessary pre-requisites for the teacher to effectively lecture.

Continuous evaluation and reading instruction allow the teacher to be aware of the student's progress as well as correct problems that develop in the briefest possible time.

Finally, there is a consensus regarding the importance of reading. However, in spite of great effort, no completely satisfactory system has yet been developed to teach this skill.

## INTRODUÇÃO

A cultura geral representa aquilo que aproxima e une os homens, enquanto a profissão representa, muitas vezes, aquilo que os separa. Portanto, uma cultura geral sólida deve servir de base à especialização profissional e prosseguir durante a aprendizagem, de tal maneira que a formação do homem não seja limitada e entravada pela do técnico.

Num estado democrático onde cada trabalhador é um cidadão, é indispensável que a especialização não seja um obstáculo à compreensão dos problemas mais vastos e que uma cultura grande e sólida liberte o homem das estreitas limitações do técnico.

Langevin e Wallon.

Muito mudou a vida humana nesses dois mil anos de civilização. O homem de hoje está muito longe do ser primitivo. Permanecem as mesmas necessidades básicas, mas a vida moderna tem suas exigências e o homem a elas se ajusta, buscando sempre viver melhor. Verifica-se, entretanto, que o desenvolvimento permanente e contínuo não permite a todos acompanhar as múltiplas e variadas inovações. Estas são tão rápidas que, nos dias de hoje, ou bem se educa ou bem se informa. Há, diariamente, uma avalanche de acontecimentos divulgados pelos excelentes meios de comunicação. A evolução constante, as novas invenções e, principalmente, a rapidez com que se propagam e são assimilados esses novos conhecimentos fizeram com que o homem se envolva num

processo ininterrupto de adaptação.

Impossível negar as inovações tecnológicas. Nos últimos vinte anos, registra IANNI, foram incorporados à vida brasileira: o satélite de comunicações, a televisão a cores, a por via de cabo, o vídeo fone, a técnica de raio laser, os processos eletrostáticos de reprodução, o sistema eletrônico de impressão instantânea, as máquinas de composição e ensino, os arquivos de microfilmes com controle eletrônico, a impressão por rádio, as computadoras e o banco de dados.<sup>1</sup>

Longínquo mesmo o período em que se exclamava, para escolher os que teriam prioridade de salvamento, "primeiro os velhos, as mulheres e as crianças". Há muito não se focaliza o velho como receptáculo do saber, como transmissor da herança cultural. Isso ocorria no tempo da palavra, em que a narrativa perpetuava a tradição, usos e costumes. Aí havia literatura. O uso da palavra como forma de expressão independente da escrita já é fenômeno literário. "A literatura precede o alfabeto". "Os povos primitivos", frisa Cecília MEIRELES, "alheios às disciplinas de ler e escrever, nem por isso deixam de compor seus cânticos, suas lendas, suas histórias; e exemplificam suas experiências e sua moral com provérbios, adivinhações, representações dramáticas, vasta herança literária transmitida dos tempos mais remotos de memória em memória e de boca em boca".<sup>2</sup>

Desde que a escrita passou a documentar e registrar a história, a transmissão oral perdeu sua força. O homem só tinha

<sup>1</sup> IANNI, O. Imperialismo e cultura. Petrópolis, Vozes, 1976. p.32.

<sup>2</sup> Problemas de literatura infantil. 2.ed. São Paulo, Summus, 1979. p.9.

duas criações, explica MONTEIRO LOBATO, "a invenção do alfabeto e a descoberta do fogo. O alfabeto permitiu o acúmulo da experiência individual; o fogo abriu caminho para a dominação da natureza."<sup>3</sup>

Tem-se, dessarte, o binômio da evolução, numa síntese perfeita dos expoentes máximos para o desenvolvimento do espírito humano e da dominação do mundo. Pelo alfabeto chegou-se à comunicação escrita. GUTENBERG, com sua notável invenção, tornou acessível a todos. Automaticamente incentivou e possibilitou a utilização da leitura e, com isso, o desenvolvimento do pensamento, do raciocínio, da imaginação, que propiciaram a descoberta das diversas utilizações do fogo.

Cinco séculos nos separam de GUTENBERG; Séculos de grandes inventos, de difusão de conhecimentos e comunicação, de mudanças sociais e aquisição de novos hábitos culturais. Quando o gramofone foi inventado, destaca ADEUM, pensou-se que as salas de concerto se fechariam. O resultado, porém, foi que a obra dos grandes mestres penetrou nos lares e formou os amantes de música, os quais, sem essa contribuição, jamais assistiriam aos concertos. Da mesma maneira, imaginou-se, à época da popularização do cinema, ser o fim do teatro; no entanto, o próprio teatro e a literatura evoluíram influenciados pela técnica cinematográfica.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> MONTEIRO LOBATO, J.B. América. 14.ed. São Paulo, Brasiliense, 1966, p.46.

<sup>4</sup> Citado por ESTRAZULAS, Enrique. La milenaria juventud de la escrita. El Día, Montevideo, 19 maio 1979, p.xii.

Segundo ZWEIG o mesmo ocorre com o livro, o Alfa e o Omega de todo o saber e o começo de cada ciência.<sup>5</sup> A evolução solidificou a posição da leitura, que foi agregada definitivamente à vida do indivíduo, às suas atividades diárias. As novas invenções e aperfeiçoamentos difundiram o livro quase com a mesma intensidade da imprensa. A televisão, o cinema, o teatro, passaram a disseminar o pensamento escrito. O aprimoramento da imprensa permitiu a utilização e universalização de símbolos e cores para revelar com mais propriedade o pensamento. É a era visual a dar nova dimensão à imprensa e conferir ao ver o mesmo sentido do ler. Tão grande a relação que Buarque de HOLANDA assinala a estreita correspondência entre ambos, apresentando, em alguns casos, idêntica significação. Senão veja-se:

VER (do latim videre) conhecer ou perceber pela visão, olhar para, contemplar, ver uma gravura, alcançar com a vista, enxergar, distinguir, avistar, presenciar, deduzir, concluir, reconhecer, compreender, atentar em, observar, imaginar, fantasiar, examinar, investigar, estudar, ler, ponderar, considerar, conhecer, saber.

LER (do latim legere) percorrer com a vista o que está escrito proferindo ou não as palavras mas conhecendo-as, pronunciar em voz alta, recitar; ver e estudar, decifrar ou interpretar o sentido de, reconhecer, perceber, decifrar, adivinhar, predizer, ler a sorte, inquirir, pesquisar, ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, repetindo-as mentalmente ou em voz alta.<sup>6</sup>

Pode-se dizer que GUTENBERG, com sua invenção, promoveu o desenvolvimento cultural, levando a conhecimento às diversas

<sup>5</sup>ZWEIG, S. Encontro com homens, livros e países. Rio de Janeiro, Guanabara, 1942. p. 290.

<sup>6</sup>Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975, p.1463; 837.

camadas sociais. A tal ponto que, nos dias de hoje, um dos critérios mais significativos para avaliar o desenvolvimento sócio-cultural de um país é o seu índice de alfabetização.

Exatamente nesse passo reside a importância da leitura como pré-requisito para formação do ser humano. Ela está intimamente ligada à melhoria de oportunidades, à participação como cidadão, enfim, à postura social.

Daí a preocupação em analisar a leitura em sua abrangência: como fator de desenvolvimento pessoal e profissional; como elemento de comunicação; como despertar o interesse e, consequentemente, inculcar o hábito de ler. Importante verificar o aspecto pedagógico, a metodologia utilizada na escola e sua eficiência, a atuação do professor, pois a ação escolar exerce papel preponderante na vida intelectual do indivíduo.

Afinal, pergunta-se se esses cinco séculos que nos separam de GUTENBERG, com todos seus inventos e modificações, não trouxeram novas contribuições que substituam com sucesso a leitura.

Imprescindível meditar sobre o passado, esmiuçar cada passagem da história, pois, sendo a vida processo contínuo de desenvolvimento, o dogma de ontem pode ser hoje infirmado, a verdade absoluta precisa ser outra vez demonstrada e a tarefa educativa reavaliada. Mister, numa palavra, questionar-se a teoria dos fundamentos óbvios. É a base real de toda aprendizagem, fator preponderante para ensinar ao homem a ter nova visão dos fatos ou descobrir diferentes versões e a enxergar o que até então não tinha sido visto.

Deve a leitura, com sua sistematização, ater-se às novas exigências e invenções. Relevante, também examinar os traços fundamentais do hábito de ler, tão importante para a formação in-

tegral da personalidade do indivíduo, visando a apresentar subsídios para que a leitura não seja apenas uma exigência escolar, mas uma constante na vida do homem, elemento de estudo, lazer e comunicação.

## ABRANGÊNCIA E CONCEITUAÇÃO DA LEITURA

Palavras de verdade sempre parecem paradoxais, mas nenhuma outra forma de ensino pode substituí-las.

Lao-Tse

A linguagem permite o ato de ler; a leitura é fenômeno total. "A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra", lembra FREIRE. É modalidade subjetiva de reescrever o mundo, ou seja, de "transformá-lo através de nossa prática consciente."<sup>1</sup>

Essa prática consiste numa forma pessoal de linguagem, expressa de diferentes modos. Todo sintoma é, no entender de FREUD, tentativa de comunicação, o que torna a conceituação da linguagem mais extensa. Há dois níveis de comunicação: um conscientemente utilizado, e outro, inconsciente e metafórico. Que o sistema é uma forma vivida de linguagem prova VERGOTE: "se a palavra do sujeito pode libertar seu corpo é porque outra, efetivamente não pronunciada mas vivida, o escravizou antes."<sup>2</sup>

A linguagem estende o poder do pensamento e lhe confere, de acordo com PIAGET, uma mobilidade e generalidade que ele não

<sup>1</sup>FREIRE, P. A importância do ato de ler. São Paulo, Autores Associados, 1982. p. 22.

<sup>2</sup>Citado por Muniz, M.Z. Trechos de obras literárias que exemplificam aspectos do estudo da linguagem. Curriculum, 13:17, out./dez.1974.

poderia atingir por si mesmo, mas não é sua fonte. O pensamento antecede a linguagem, embora concorra para aquisição de formas de equilíbrio mais avançadas.<sup>3</sup>

A linguagem não é causa do pensamento, WALLON amplia a conotação anterior, é principalmente instrumento e suporte indispensável ao seu progresso. Se há, por vezes, atraso de um sobre outro, sua ação recíproca restabelece rapidamente o equilíbrio.<sup>4</sup>

Por ser o instrumento mais geral para comunicar as visões da realidade, a linguagem tem um campo de representações particularmente fluído. Daí a flexibilidade e o alcance da arte literária, seja novela, drama, poema, conto ou ensaio. Ela pode provocar, diz CAUDWELL, "todas as imagens simbólicas da realidade feitas pelos processos intelectuais, científico, histórico e digressivo."<sup>5</sup>

Essencial acompanhar as diferentes fases do desenvolvimento da linguagem e seu encontro com o pensamento. VYGOTSKY realizou essas observações, tendo como tema central da análise o conceito de internalização: as crianças engajadas no processo de linguagem são vistas como aprendizes ativos, capazes de unir os diversos tipos de experiência para formar a consciência crítica e humana.<sup>6</sup>

<sup>3</sup> Citado por Muniz, p.

<sup>4</sup> Citado por Muniz, p.18.

<sup>5</sup> CAUDWELL, C. O conceito de liberdade. Rio de Janeiro, Zahar, 1968. p. 15.

<sup>6</sup> Citado por ELSASSER, N. & STEINER, V. An interactionist approach to advancing literacy. Harvard Educational Review, 47 (3):35, aug. 1977.

A abrangência da linguagem estende-se à leitura. Ler não é fácil e abrange série de quesitos sem os quais leitura não é realmente leitura; isto é, deve-se associar o ato mecânico de reconhecimento de letras, palavras e frases, com o ato significativo de compreender o que se visualiza. GOETHE sentiu essa dificuldade, ao considerar que as pessoas comuns não sabem quanto demora aprender a ler. Fez isso a vida toda e não pode dizer que atingiu o ponto ideal.<sup>7</sup>

Na tentativa de definir leitura e sua complexidade, DECHANT depõe:

1. Leitura é, inicialmente, processo sensorial. Ler é reconhecimento visual de identificação da palavra. O leitor reage visualmente ou cenestesticamente (pelo sistema Braille) aos símbolos gráficos. Além da simples identificação deve reconhecer, em ocasiões diferentes, o símbolo da linguagem e perceber as associações existentes entre o som enunciado e a expressão gráfica.

2. É processo perceptivo, apreensão progressiva de significados e idéias representadas por uma seqüência de vocábulos. Enlaça visão e reconhecimento da palavra, preocupação com seu significado e com suas relações no texto.

3. É resposta a estímulo gráfico. Inclui as respostas vocais e semi-vocais, movimento de olhos, adaptações físicas necessárias para ler e, principalmente, certo envolvimento emocional e análise crítica e avaliativa do texto.

<sup>7</sup>Citado por TIERNEY, R. Motivating the superior reader. Journal of Research and Development in Education, 2(3):76, 1978.

4. Leitura é resposta aprendida. É, ao mesmo tempo, processo perceptivo e associativo. Engloba a associação aprendida da palavra falada com a escrita.

5. É o desenvolvimento da intelectualidade humana e sua capacitação para o trabalho. Do nível de aspiração em aprimorar-se pela leitura, ou seja, instruir-se, depende o crescimento e desenvolvimento global do ser humano.

6. Pode ser um interesse e um motivo. Pode ter um objetivo em si mesmo ou motivar outra atividade.

7. Leitura é processo de aprendizagem. Pode constituir seu ponto máximo e permitir o desenvolvimento do leitor.

8. É processo linguístico. Coloca o leitor em contacto com outras idéias. Estabelece um processo de comunicação iniciado pelo pensamento do escritor e expresso graficamente.<sup>8</sup>

A leitura é essencialmente comunicação. É a relação entre a página escrita e o leitor, dicotomia que constitui para HARRIS, o ato de responder apropriadamente a símbolos impressos.<sup>9</sup>

Idêntica a assertiva de DEBOER e DALLMAN, que descrevem a leitura como atividade que envolve compreensão e interpretação de idéias simbolizadas pela página escrita.<sup>10</sup>

Mais completa a visão de GIBSON: ler é receber comunicação, é formar respostas discriminadas a símbolos gráficos, é de-

<sup>8</sup> Citado por DECHANT, V.E. Improving the teaching of reading. 2.ed. Englewood-Cliffs, Prentice Hall, 1970. p.16.

<sup>9</sup> Citado por DECHANT, p. 155.

<sup>10</sup> Citado por DECHANT, p. 16.

codificar os símbolos gráficos do falar e fornecer significado para a página escrita.<sup>11</sup>

A leitura é processo, a sentir de SHAW, de ver ou perceber itens independentes, observando e assimilando suas inter-relações ou agrupando com as idéias principais. GRAY, discutindo as dimensões desse processo, sugeriu que nele se incluíssem reconhecimento, compreensão, reação e interação.<sup>12</sup>

Como processo, a leitura consiste na interação, pela qual, conforme grupo de especialistas da United States Office, o significado codificado num estímulo visual por um autor se torna significado na mente do leitor.<sup>13</sup>

Processo altamente elaborado, observou THORNDIKE, em estudo clássico sobre leitura, em 1917, e acrescentou que ela envolve a valoração de cada elemento numa sentença, sua organização e as próprias relações entre si, bem como a seleção de certas conotações e rejeições e a cooperação de muitas forças para determinar uma resposta final.<sup>14</sup>

Deve-se enfocar, também, a inferência e avaliação da importância das idéias e sua correlação intrínseca para estabelecer, como destaca HILDRETH, procedimento contínuo de formar tentativas de julgamento e realizar posteriormente sua verificação e confronto. Para resolver problemas descritos numa passagem, o leitor deve estar sempre alerta, num estado de antecipação men-

<sup>11</sup>Citado por DECHANT, p. 16.

<sup>12</sup>Citado por DECHANT, p. 16

<sup>13</sup>Citado por DECHANT, p.17.

<sup>14</sup>Citado por TIERNEY, p. 76.

tal, suspendendo o julgamento, corrigindo e confirmando suas suposições à medida que novos fatos ocorrem.<sup>15</sup>

A leitura significativa de um parágrafo engloba aprendizagem, reflexão, julgamento, análise, síntese, compreensão e resolução de problemas, determinação de relacionamento e avaliação crítica do que se lê. THORNDIKE incluiu, ainda a esses processos, atenção, associação, abstração, generalização, concentração e dedução.<sup>16</sup>

Enfatiza ATHEY ser a leitura atividade em que altas habilidades humanas perceptivas, intelectuais e linguísticas, interagem e se completam para alcançar a compreensão do procedimento e assimilação da informação escrita.<sup>17</sup>

Em toda análise permanece implícita a dicotomia leitor e autor. O verdadeiro leitor é, para GRAY e ROGERS, aquele que lê de maneira eficaz, econômica, seletiva, construtiva, aberta, profunda, crítica e criativa, para satisfazer interesses, desenvolver-se e realizar interpretações corretas. A verdadeira maturidade da leitura é obtida quando ela começa a inspirar o leitor, a proporcionar-lhe sentimento de prazer e satisfação e a nele exercer efeito consciente e integrativo.<sup>18</sup>

Para ROBECK e WILSON a leitura é, nessa dupla conotação, o ato em que o leitor, possuindo a faculdade fundamental de es-

<sup>15</sup> Citado por DECHANT, p.18.

<sup>16</sup> Citado por DECHANT, p.18.

<sup>17</sup> Citado por CULLOUGH, C.A new look at reading. Journal of Research and Development in Education 2(3):54, 1978.

<sup>18</sup> Citado por TIERNEY, p.77.

clarecer o essencial, confronta-se com um material linguístico que ainda não domina totalmente.<sup>19</sup>

Diante dessas realidades, Frank SMITH, após examinar os resultados de pesquisas sobre leitura, realizadas por linguístas e psico-linguístas do conhecimento (KOLLERS, HOLMES, CHONSKY, ROSINE E TORREY), estabeleceu três axiomas de leitura:

1. Somente uma pequena parte da informação necessária à compreensão escrita vem do que está efetivamente escrito.

2. A compreensão deve preceder o reconhecimento dos termos isolados.

3. Ler não é transformar o texto escrito em linguagem falada.<sup>20</sup>

#### 1º axioma

Especialistas dos problemas de leitura concordam e reconhecem que somente pequena parte da informação necessária à compreensão é transmitida pelo que está efetivamente escrito.

As observações do leitor sobre o conteúdo a ser lido serão mais precisas com a aquisição de novas informações.

Os símbolos gráficos têm a função de reduzir o grau de imprecisão ao passo que o leitor se intera do conteúdo e mensagem do texto. É suficiente, para o leitor treinado, perceber alguns elementos de grafia, como nos jogos de leitura em que a criança deve reconstituir palavras a partir do fragmento de letras ou de letras delineadas. Exatamente por isso o leitor, às

<sup>19</sup> Citado por RIVERS, W. La compréhension de l'écrit: apprentissage et enseignement de la lecture. Le Français dans le Monde(141):16-24, nov/dec.1978.

<sup>20</sup> Citado por ANDERSON, I. & DEABOR, W. The psychology of teaching reading. New York, Ronald Press, 1963, p.96.

vezes, lê o sinônimo da palavra impressa. As redundâncias favorecem, numa comunicação linguística, a compreensão. São as vezes insuficientes, pois em certos casos as dificuldades encontradas num texto são ocasionadas pela carência de conhecimentos linguísticos fatuais e conceituais. A informação gráfica será tão ou mais necessária quanto maior for a ignorância fatural e conceitual. O mesmo fenômeno ocorre a nível de audição. Se o locutor não diz sobre o que vai falar, consigna OLSON, os ouvintes terão à disposição recursos linguísticos muito limitados para expressar o sentido da linguagem.<sup>21</sup>

Nesse sentido, WATZLAWICK, HELMICK, BEAVIN e JACKSON definiram o axioma do nível de comunicação: toda comunicação apresenta dois aspectos: o conteúdo e a relação. O segundo engloba o primeiro, ocorrendo, então, metacomunicação.<sup>22</sup>

Trabalhos recentes demonstram que, numa comunicação linguística, a percepção da exposição oral e sua produção constitui atividade estanque, com diferentes tipos de comportamento. A qualidade perceptiva está diretamente ligada à compreensão do sentido. Há um caminho da percepção ao conceito, com a utilização dos recursos possíveis, e regras de sintaxe. O sentido não é totalmente explícito devido a possível ambigüidade ou diferença de interpretação. Numa explanação oral o locutor utiliza sistema de operações sintáticas para melhor comunicar. Nesse caso, a observação é de BERVER, a organização do sentido se aproxima-

<sup>21</sup>Citado por RIVERS, p. 21.

<sup>22</sup>Citado por BIHAN, A. Une rupture. Le Français dans le Monde (152): 64, avr. 1980.

ticá mais do enunciado linguístico, como ocorre ao nível da estrutura de superfície.<sup>23</sup>

Desse modo, na comunicação oral o ouvinte compreende os equivalentes. O mesmo ocorre na escrita. Dois leitores podem, portanto, interpretar diferentemente o conteúdo do mesmo texto, ou, em situação oral, entender de maneira diferente a partir do mesmo sinal. A esse respeito MEIRELES anota: "O gosto de contar é idêntico ao do escrever e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores. O gosto de ouvir é como o gosto de ler."<sup>24</sup> Hoje, o que se aprendia por ouvir contar aprende-se lendo. A leitura é tão importante como fator de comunicação quanto a informação.

Comprovou-se isso em palestra com Norman GOBLE, Secretário Geral da Confederação Mundial de Professores, professor de línguas, que domina grego e latim, é bilingue (francês e inglês) por formação e exigência profissional. Um pouco antes de sua estada no Brasil (em agosto de 1980), começou a estudar português. Em conferência sobre as dificuldades de comunicação nessa língua resumiu seus problemas: quando sei o assunto a ser tratado eu entendo; quando não, nada percebo e quanto mais me explicam mais confuso fico, pois não consigo estabelecer a relação.

A compreensão do conteúdo fatural e conceitual demonstra haver duas leituras simultâneas: a leitura de fato e a subentendida. A tese que somente pequena parte da compreensão vem do que está realmente escrito é reforçada por NAVA, em suas reminis-

<sup>23</sup> Citado por RIVERS, p.18.

<sup>24</sup> MEIRELES, C. Problemas de literatura infantil. 2.ed. São Paulo, Summus, 1979, p. 42.

cências. Lembra de uma tia velha que tinha mania de guardar papéis:

Quem chegasse com embrulho, visita que trouxesse presente, ela ficava rondando. Não sossegava enquanto não empolgava o barbante para enrolar e entesourar, os papéis para alisar e apartar em dois grupos. O primeiro, do papel grosso, rasgável, liso demais ou áspero. Não servia para. Ficava para novos embrulhos. O segundo, era dos papéis acetinados mais resistentes, macios e não derrapantes, amoldáveis mas não friáveis. Ela experimentava-lhes a textura e a densidade e se via que eram bons, cortava no jeito exato, empilhava e furava todas as folhas com a ponta da tesoura. Fazia e sumia para pendurá-los no prego.<sup>25</sup>

Somente quem é brasileiro e acompanhou o desenrolar da vida de província, com seus usos e costumes, pode entender o sentido implícito da situação apresentada. É intraduzível em toda abrangência. Qualquer tradutor, que se empenhe em fornecer o conteúdo exato, terá que conhecer e enriquecer a tradução com conteúdos fatuais e contextuais.

Aí a dificuldade da tradução. Para o tradutor, não é suficiente o mínimo de informação textual. O domínio completo de língua também não satisfaz. É preciso cultura, conhecimentos dos conteúdos fatuais e contextuais o que exige, além de amplo domínio do assunto e texto, visão exata das ocorrências descritas.

As dificuldades são grandes. MONTEIRO LOBATO, convidado a retraduzir "Por quem os sinos dobram", de HEMINGWAY, comenta falhas do primeiro tradutor: Alguém pergunta a Jordan o que ele bebia. Ele responde: "That is the real absinthe. That is

<sup>25</sup> NAVA, P. Bau de ossos. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974. p.344.

wormwood." Wormwood, esclarece MONTEIRO LOBATO, é o nome inglês de losna, ingrediente do absinto. O tradutor, sem conhecimento necessário, vendo ser palavra composta: de worm (verme) e wood (pau), a decompôs e não titubeou, traduzindo: "Isto é o absinto, uma bebida feita de bicho de pau podre." Com zelo profissional, acrescentou: "No verdadeiro absinto há verme de pau, cupim."<sup>26</sup>

Essa concepção se opõe a do sentido literal. O sentido literal de uma frase não existe, concluem MILLER e Johnson LAIRD. Só existe o atribuído pelo leitor. O literal (fora do contexto particular) é seqüência de passos diversos, capazes ou não de intervir para verificar informações, responder questões, obedecer ordens.<sup>27</sup>

É de se aceitar a existência de significados dissociados do dicionário. Se o sentido da palavra correspondesse apenas a conjunto fixo de definições ou se ativesse a tratados semânticos, seria impossível interpretar toda a riqueza que encerra a estrutura de uma frase ou enunciado.

#### 2º axioma

A compreensão deve preceder o reconhecimento dos termos isolados. Os modelos fundamentados nesse axioma baseiam-se na análise por síntese.

GIBSON e LEVIN discutiram os méritos e limites da leitura; GOODMAN a denominou de adivinhação psicolinguística, que implica numa interação entre língua e pensamento; LURIA utilizou

<sup>26</sup> A Barca de Gléyre. 14. ed.. São Paulo, Brasiliense, 1972. p.354.

<sup>27</sup> Citados por RIVERS, p.21.

os mesmos termos para descrever a atividade habitual de leitura.<sup>28</sup>

O aprimoramento das técnicas eficazes de leitura apoia-se no fato do contexto poder influenciar e mesmo transformar o sentido literal do texto. O leitor, no afã de compreender, precisa, às vezes, abster-se de uma interpretação rápida e definitiva e recorrer à observação dedutiva. Por isso, é importante ler por ler, pelo simples prazer de ler, liberado de qualquer tensão, de toda sanção exterior, com a única finalidade de desenvolver a confiança nas próprias possibilidades da leitura.

Para uma leitura produtiva, é proveitoso não confundir a compreensão das intenções do autor e do texto. Muitas vezes, para o estudante, adolescente ou adulto, o ato de ler implica somente nessa compreensão. Conformam-se em repetir as idéias sem as verificar em seus pormenores e equivalências. Na verdadeira leitura soma-se a análise pessoal ao texto lido.

Difícil distinguir, como mostrou CARROL, entre a compreensão pura do conteúdo linguístico e o conjunto de tentativas e soluções que conduzem à recepção da mensagem.<sup>29</sup>

Em toda atividade de leitura há, segundo SMITH, constante troca entre a informação percebida e a não percebida.<sup>30</sup> Quanto mais rica é a informação, menor a necessidade de recorrer à inferência visual para reconhecer no texto uma letra, palavra ou estrutura.

Nesse domínio, como em outros de utilização da língua, é possível conhecer as formas linguísticas (vocabulário e gramá-

<sup>28</sup> Citados por RIVERS, p.20.

<sup>29</sup> Citado por RIVERS, p.21.

<sup>30</sup> Citado por RIVERS, p.22.

tica) sem interiorizar o teor expresso num conjunto de conceitos. Por essa razão, o entendimento global deve proceder à identificação de termos isolados. A reconstituição do sentido pela confrontação com as vivências pessoais do leitor possibilita visão clara do sistema de relações. Restabelece-se a contribuição específica do termo, imprescindível nas etapas do texto. Só o contexto, é evidente, permite precisão do significado dos honônimos ou ambiguidades de certas estruturas.

A veracidade desse axioma pode ser demonstrado pela atuação de uma professora numa escola da periferia da cidade. Em sua atividade profissional, ela sentiu os reflexos ocasionados pela pobreza e ignorância. Seus alunos possuíam currículo oculto e horizonte cultural deficiente, a dificultar a compreensão, o raciocínio e a aprendizagem. Para despertar a imaginação e ampliar o vocabulário, resolveu então contar histórias em sua classe. A partir daí, observou que só os livros com as histórias narradas eram retirados da biblioteca escolar. Concluiu, assim, que, inobstante os alunos dominassem os mecanismos de leitura, não compreendiam o texto, salvo daqueles que possuíam prévio conhecimento. Em realidade, faltava-lhes a compreensão do contexto.

O mesmo axioma é princípio básico na leitura dinâmica. Esse método, que pretende acelerar a rapidez no ler e garantir a compreensão, determina que, antes de iniciada a leitura, obtenha-se o máximo de informação. Ler o prefácio, os comentários existentes, os dados sobre o autor e verificar o assunto a ser tratado, são elementos indispensáveis para o correto entendimento da obra.

3º axioma

A leitura, no sentido amplo do termo, não é simples exercício de transposição do texto escrito em linguagem falada. Ela precede esse ato.

Por esse mesmo motivo, embora ilustre as regras de correspondência entre símbolos sonoros e gráficos e estimule o funcionamento articulatório, a leitura em voz alta não revela o nível de entendimento do leitor. Em vez de fazê-lo, evidencia ignorância das regras de acentuação, de ligação e entonação, que determinam os reagrupamentos de termos em conjuntos significativos.

Se o professor a utiliza, deve permitir leitura silenciosa anterior, para domínio do texto. A verdadeira leitura é a silenciosa. O estudante, concentrado nas correspondências entre os símbolos sonoros e gráficos, não domina totalmente a mensagem do texto. É impedido de situar e memorizar os elementos essenciais para os relacionar com os novos. Cada parágrafo pode modificar o anterior com outras informações. A absorção do texto pede memorização dos elementos antigos e dos que contribuíram para enriquecer seu sentido.

A propósito é importante a distinção de STICHT, entre ensinar a ler e ensinar a aprender pela leitura. Na última, o objetivo pedagógico não é ensinar a decodificar a ortografia, mas a precisar o significado das palavras e dos conceitos e raciocinar a partir da informação fornecida pela leitura.<sup>31</sup>

<sup>31</sup>Citado por RIVERS, p.24.

Aprender pela leitura pressupõe entendimento do texto. Depende mais da situação e contexto que do significado de palavras isoladas ou agrupadas em frases.

O verdadeiro sentido do parágrafo é percebido se o leitor dominar a natureza do sistema linguístico, dos pressupostos, alusões, personalidade do autor e das circunstâncias da emissão da mensagem.

A assimilação de um conceito expresso pela língua implica, no ver de BEVER, num conhecimento de ordem semântica (sentido dos materiais linguísticos), conhecimento do contexto cultural (intervenção das idéias sobre a línguas e as do autor).<sup>32</sup> Pode-se concluir que todo ato de compreensão resulta inevitavelmente em processo de inferência.

Exemplo da situação é oferecido por MONTEIRO LOBATO, que critica o requinte literário e a obrigatoriedade de contínua tradução. Anota passagem em que Coelho Neto relata uma visita a Patrocínio, num subúrbio do Rio de Janeiro: "Pela estrada desciam recuas em chouto, sacolejando ceirões e cofos." LOBATO argumenta contra a simbologia literária, lembrando que no Brasil não existem "recuas", "choutos" e muito menos "ceirões" ou "cofos". Em linguagem comum ter-se-ia simplesmente: "Pela estrada desciam burros de carga no trote, sacudindo jacas." Em seguida cita José de Alencar "com um viveiro de araras e graúnas e até uma virgem dos lábios de mel." Faz a tradução, pois o linguajar poético de Alencar fala apenas de uma "índia . cor de cuia com beijo úmido de saliva." Conclui, com um pouco de ironia: "não

<sup>32</sup>Citado por RIVERS, p.24.

haver mel em lábios de ninguém. A fisiologia manda que a língua lamba imediatamente esse mel." No entanto, reconhecendo a grandeza do escritor, o veredicto final é surpreendente: "Alencar tinha muito talento e era de fácil tradução. Será sempre lido."<sup>33</sup> Seu estilo romântico e apreciado fornece em linguagem poética mensagem implícita. Pode-se dissecar, como MONTEIRO LOBATO, o verdadeiro sentido das imagens apresentadas mas o conteúdo, facilmente assimilado faz com que seja compreendido e lido.

O ato de ler, seja qual for a finalidade, se decompõe em três operações fundamentais: a antecipação, ou seja, o interesse que motiva a leitura somado à expectativa individual do leitor; a identificação, que constitui, a um só tempo, na assimilação do conteúdo e na experiência e ideologia do leitor; e a verificação, isto é, as novas inferências e conceitos propiciados pela leitura.

A leitura, em seus diversos graus de abrangência, oferece sempre subsídios para o crescimento pessoal. Todavia, é a interação entre o texto, o leitor e as novas idéias, decorrentes desse contacto, que propicia o crescimento. Dessarte, a leitura para o desenvolvimento é consequência da absorção e utilização adequada do conteúdo.

<sup>33</sup> MONTEIRO LOBATO, J.B. Prefácio. In. DUPRÉ, Sra. Leandro. Éramos Seis. 10.ed. São Paulo, Saraiva, 1958, p. 5.

## LEITURA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO

Toda visão se transforma em contemplação, toda contemplação em reflexão, toda reflexão em associação, de sorte que se pode dizer que, cada vez que lançamos um olhar atento ao mundo, já fazemos teoria.

Goethe

Reparou Kenneth BOULDING que a rede de comunicações eletrônicas produz inevitavelmente uma supercultura, em vista do que as culturas tradicionais do passado, nacionais e regionais, constituem o maior ponto de interrogação dos próximos cinquenta anos.<sup>1</sup>

Essa realidade exige reformas educacionais, porque a educação é o único caminho para o desenvolvimento. Embora as mudanças acarretem novas necessidades e exigências, a educação básica apresenta características permanentes.

Os princípios dessa educação, defendidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), são os de permitir aos homens uma vida plena, mais harmônica e feliz, com concomitante desenvolvimento do meio ambiente, incrementando melhores elementos da cultura nacional, propiciando acesso a pa-

<sup>1</sup>Citado por UNESCO. A Educação do Futuro, Lisboa, Bertrand, 1978, p.9.

drão social econômico superior, que lhes permita atuação compatível ao mundo e relacionamento amistoso entre os diversos países.

A educação de base tem por objetivo ajudar os homens a compreender os problemas mais prementes e a incutir conhecimentos e mecanismos necessários para que possam resolvê-los por seus próprios meios. Imprescindível fornecer à presente geração o mínimo de instrução para melhorar seus hábitos de vida, higiene e produtividade, propiciar-lhes uma boa organização social, econômica e política.

A característica fundamental dessa educação é uma atuação de urgência que tornem satisfatórias as condições existenciais das crianças e adultos, em todos os tipos de regiões, mesmo nas mais precárias, em que a população não dispõe de meios e de instrução suficiente.

Educação de base, segundo definição do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, é o mínimo de educação geral que pode ajudar crianças e adultos, privados das vantagens da instrução escolar, a compreender os problemas do meio onde vivem, a ter idéia justa de seus direitos e deveres cívicos e individuais, a participar mais eficazmente do progresso econômico e social da comunidade a que pertencem.<sup>2</sup>

É básica no sentido de ofertar o mínimo de conhecimentos teóricos e técnicos indispensáveis a um nível de vida satisfatório. É a primeira etapa da ação concentrada para promover o crescimento pessoal e progresso da coletividade.

<sup>2</sup>Citado por GRAY, W. L'enseignement de la lecture et de l'écriture, Genève, UNESCO, 1963. p.36.

Os programas básicos propostos pela UNESCO atêm-se aos seguintes aspectos: capacidade de pensar e comunicar (ler, escrever, falar, escutar, calcular); técnicas profissionais, educação doméstica (culinária, puericultura); técnicas que permitem expressão pessoal nas diferentes artes, educação sanitária, conhecimento do meio físico e fenômenos naturais, conhecimento de organização econômica e social, desenvolvimento de qualidades pessoais (julgamento, iniciativa, tolerância, compreensão), e desenvolvimento espiritual e moral.

Essas proposições extensas e complexas devem ser trabalhadas em todos os graus e em toda largueza. Há divergência quanto às prioridades. Para alguns a leitura é objetivo preponderante na educação de base. Outros, contudo, não lhe atribuem tal importância. Alegam que o cinema, a televisão e o rádio podem instruir e orientar a população de forma mais persuasiva e atraente. Outrem ainda acredita que a luta pelo progresso cultural e pela solução dos problemas individuais e coletivos estão intimamente associados, que melhores resultados serão colimados com programas simultâneos.

Estudos minudenciados por DALE, sobre vantagens comparadas de leitura, rádio e televisão, concluíram que nada pode substituir a leitura, porque ela assegura desenvolvimento individual e social, não alcançados tão convincentemente pelos outros dois meios.<sup>3</sup>

O texto impresso contém informações, mostra problemas e provê o leitor de mais prazer e satisfação do que outro meio de

<sup>3</sup>Citado por GRAY, p.37

comunicar o pensamento. Cada um pode ler e reler a seu modo, em seu ritmo, o que lhe convém, o que lhe dá tempo para refletir, avaliar conceitos e extrair conclusões pessoais.

Os alfabetizados têm inúmeras vantagens sobre os analfabetos, sendo mais habilitados para enfrentar problemas da vida quotidiana (atender sinais que alertam perigo, obter endereço ou informação desejada, acompanhar fatos atuais, manter correspondência com familiares). Podem encontrar indicações sobre melhoria de condições de vida em publicações que tratam de saúde, higiene, preparo e cuidados sobre alimentos. Têm capacidade para melhorar as condições econômicas, obtendo informações sobre férias, empregos e salários. Apresentam condições para preencher formulário e se conformar com regulamentos impostos no trabalho; de exercer profissão que exija domínio da leitura e escrita; de aprender a usar discriminadamente o dinheiro ganho. Os seus conhecimentos estão vinculados ao prestígio social e permitem exercer numerosas atividades individuais e em grupo, impossíveis aos iletrados. Acompanham as tendências da coletividade, identificam forças que favorecem ou retardam o desenvolvimento.

A leitura permite ao indivíduo compreender o mundo em que vive e a adotar atitudes mais racionais e, conseqüentemente, comportamento mais satisfatório.

O relacionamento entre o leitor e o livro é essencialmente individual e fator básico de desenvolvimento. Impossível investigar, com exatidão, o crescimento, maturidade, a evolução que a leitura proporciona, ou novas contribuições, idéias, comportamentos que desenvolve. Trava-se diálogo mudo, entre leitor e autor. No desenrolar de sua obra, o escritor expõe suas idéias,

desnuda seu pensamento e mostra as razões que o levaram a escolher determinado tema. Tudo isso enlaça o leitor com o autor, fazendo com que aquele adquira nova dimensão cultural e maior desenvolvimento humanista.

Nada obstante, a leitura, como instrumento de estudo, passa a ter finalidade mais ampla, que transcende o simples ato de ler. Requer tanto domínio completo do texto quanto compreensão exata do conteúdo.

"A obra literária, de qualquer nível," destaca BOSI, "supõe três momentos: o escritor, a obra e o leitor. Apenas no momento em que o leitor se entrega a obra é que se dá essa forma peculiar de recriação, isto é, a passagem dos sinais mortos da escrita para as emoções vivas da contemplação estética."<sup>4</sup>

Entre os copiosos desideratos da leitura destacam-se os de:

1. Salvar a herança cultural.
2. Desenvolver habilidades.
3. Desenvolver a criatividade.
4. Fornecer elementos ideológicos e sociais.

O primeiro objetivo se liga ao último. Ambos, em realidade, se completam. A expressão inicial significa que a leitura se refere a textos de diversos períodos da história, permitindo um melhor conhecimento da cultura daquelas fases. Constituem-se em documentos históricos de um povo. O último enunciado enseja, alicerçado no passado histórico, o desenvolvimento de novas teorias e filosofias, que influenciarão não só o momento presen-

<sup>4</sup> Cultura de Massa e Cultura Popular. Petrópolis, Vozes, 1972, p.9.

te mas as gerações futuras, trazendo profundas modificações sociais. Esses movimentos, decorrentes das crises sócio-econômicas cíclicas e interpretações de situações vivenciadas, são responsáveis pela contínua evolução.

Já no escopo que se segue, ler é modalidade de aprender a escrever e a falar. Quanto maior a variedade e quantidade de livros, tanto mais desenvolvida será a linguagem, o que propicia maiores oportunidades de aprendizagem, comunicação e desenvolvimento de habilidades pessoais. É o indivíduo interagindo diante de novas situações, obtendo informações valiosas, em constante crescimento.

No terceiro, tem-se em vista o uso criativo da língua. A criatividade dos textos levaria o leitor a explorar todas as possibilidades linguísticas à sua disposição. A leitura de textos artísticos o conduziria à aprendizagem de sua produção. Experiências nessa direção, notadamente os exercícios de poesia propostos por KOCH e seus sucessores,<sup>5</sup> foram desenvolvidas e mostraram a validade da proposta. Além disso, o leitor, de posse de novas idéias e enfoques diversos da mesma situação, utilizando sua capacidade criadora, encontrará sua maneira própria de expressão.

Verifica-se também que, introduzido ou não intencionalmente pelo autor, todo texto contém:

1. Conteúdo linguístico (palavras, estruturas de frases, modos, tempos, peculiaridades da língua reveladoras da intenção do autor).

<sup>5</sup> BAL, M. Enseigner la littérature. A quoi de bon? Le Français dans le monde, (154):59, jun.1980.

2. Conteúdo de civilização (específico de um grupo étnico ou linguístico, de uma sociedade ou época).

3. Conteúdo cultural (específico do indivíduo: conhecimentos, cultura, meio social).

4. Conteúdo literário (teoria do autor sobre a literatura, lugar de sua obra na escola literária).<sup>6</sup>

Esse conjunto, estreitamente ligado, constitui o fato literário traduzido pela escrita. As divisões evidenciam a complexidade do texto literário e as múltiplas aproximações decorrentes (linguísticas e sócio-linguísticas, psicológicas e psicoanalíticas, sociológicas e históricas, literárias e culturais).

O texto literário forma um todo em que cada elemento, conteúdo e aspecto, depende de outros e age o tempo todo sobre eles. O desrespeito ou valorização de um aspecto em detrimento de outrem, anula o fato literário e provoca sentimento de frustração. Certamente as variações da leitura pluralista vão ocorrer em função dos limites de competência e potencialidade cultural de cada indivíduo.

A leitura pode ser realizada de dois modos: para produção ou para consumo. A leitura de produção é leitura reflexiva, analítica, empregada para estudo que leva ao desenvolvimento e à crítica. A de consumo é mais descompromissada, rápida, sem dúvida o início da de produção.

Poder-se-ia tentar estabelecer comparações entre os dois tipos:

<sup>6</sup>COPPOLANI, R. Lecture production ou lecture consommation. Le Français dans le Monde. (152):26, avr. 1980.

Leitura produção	Leitura consumo
totalmente baseada na competência linguística e na potencialidade cultural do leitor;	relativamente pouco baseada na competência linguística e na potencialidade cultural do leitor;
baseada na descoberta;	baseada no reconhecimento;
constitui:	constitui:
leitura pluralista, múltipla e complexa	leitura superficial
leitura construtiva e produtiva	leitura destrutiva
leitura aberta	leitura fechada
leitura dinâmica	leitura estática
leitura motivante	leitura pouco motivante.

Do exposto, infere-se serem marcantes os contrastes entre as duas modalidades de leitura. De conseguinte, distintos os níveis e utilidade de ambas.

A leitura de produção visa ao desenvolvimento e à comunicação, sendo usada preferencialmente para o estudo e pesquisa. Conduz à análise crítica e ao alargamento do horizonte criativo e do pensamento. Ela não consiste somente na decodificação do que BATHES<sup>7</sup> denomina "inverso negro da escrita", ou seja, aquilo que deve ser descoberto, as intenções ocultas do autor, que são despercebidas numa leitura superficial. É o entendimento real do que não é muitas vezes facilmente exposto, o sentido pleno, oculto, que estimula novas leituras, com a preocupação de estudar outras obras referentes ao mesmo assunto, para bem com-

<sup>7</sup>Citado por COPPOLANI, p.24.

preender a palavra escrita. Convém ressaltar que, apesar do hábito de se considerar a escrita como meio para facilitar a comunicação, ela tem na história, inclusive na de hoje, função eminentemente crítica. Não serve apenas para comunicar, mas para registrar pensamentos, divergências ideológicas, políticas e sociais. Cada evidência descrita exige do leitor toda sua competência, capacidade, assimilação e crítica. É leitura pluralista, porque valoriza o aprofundamento em todas as direções, inclusive recomenda o estudo de teorias contraditórias para que o leitor, de posse de maior número possível de informações, desmistifique o "inverso negro" e elabore sua própria conclusão. Por essas razões é também múltipla, aberta e profunda, a exigir sempre do leitor uma altura maior de conhecimento. Permite que ele use de suas potencialidades linguísticas e intelectuais, ao mesmo tempo em que descobre a interdependência das palavras e dos fenômenos interligados num contexto. Desse modo, há amplo engrandecimento pessoal, contínuo despertar da curiosidade que se constitui um fator básico para o espírito de pesquisa. É processo permanente de evolução.

Já a leitura de consumo é descompromissada, não tendo de imediato qualquer propósito educativo ou cultural. Entretanto, não se pode subestimá-la. De certo modo, em sua superficialidade, ela se constitui em pré-requisito para a leitura de produção. Mesmo a leitura superficial pode despertar o interesse, que levará a novas leituras. A leitura de consumo possui porém, aspectos negativos, capazes de comprometer seriamente o desenvolvimento do hábito de ler. Por não basear-se na competência linguística e na potencialidade cultural do leitor, não há possibilidade de avaliar o seu plano de compreensão. O não en-

tendimento do texto torna a leitura cansativa e pouco motivante, o que ocasiona antagonismo e completo desestímulo.

Ler é também sonhar. São os mesmos livros, destaca GIRARD,<sup>8</sup> que permitem o sonho, a diferença está na maneira de usá-los. O livro é fonte profunda e inesgotável de conhecimentos, sendo indispensável para o aprimoramento pessoal e profissional. Dele se extraem elementos para novas proposições e pesquisas.

Ao agradecer o prêmio Nobel, que recebeu em 1963, O'NEIL reconheceu publicamente a influência de STRINDBERG, "o maior gênio do teatro contemporâneo." Mergulhado na leitura de suas obras, declarou O'NEIL:

"Foi no decorrer do inverno de 1913-1914, que tive pela primeira vez, como uma visão, a idéia do que poderia ser um drama e o primeiro impulso de escrever eu mesmo para o teatro. Se existe em minhas obras alguma coisa digna de durar, é graças a este primeiro impulso dele recebido, e graças à ambição que me animou, desde então, a caminhar sobre suas pegadas, na medida de minhas aptidões, com a sua mesma probidade e o seu mesmo desígnio ..."

Quanto a mim, sinto-me demasiado orgulhoso de minha dívida para com STRINDBERG, demasiado feliz por esta oportunidade de reconhecer-lhe a diante de seus compatriotas. Para mim ele representa, como NIETZCHE em seu domínio, o mestre mais atual que não importa quem entre nós, sempre nosso modelo. E imagino com orgulho que seu espírito, considerando a escolha feita pelo Júri do Comitê Nobel este ano, a saúde com um pequeno sorriso de satisfação e que ele não considere o discípulo demasiado indigno de seu mestre."<sup>9</sup>

<sup>8</sup>GIRARD, MARCEL. La lecture désintéressée ou le bonheur de lire. Le Français dans le Monde (141):35, nov. 1978.

<sup>9</sup>O'NEIL, E. Quatro Peças. Rio de Janeiro, Opera Mundi, 1971, p.12.

Ao ler "Wolksbuch", do Dr. Fausto, um livrinho popular muito divulgado no século XVIII, ainda criança, GOETHE encontrou as primeiras idéias para escrever seu Fausto.

Michelet idealizou seus fantasmas sobre o amor e a mulher lendo tratados de anatomia. Inversamente as obras literárias, poemas, romances compostos para evocar sentimentos, emoções, podem ser utilizados para transmissão de conhecimentos. A leitura dos linguistas, psicólogos, semiólogos e historiadores é realizada de modo diferente, embora o conteúdo seja o mesmo. O texto igual não fornece sempre a mesma mensagem. Não há significado definido. Não existe o verdadeiro sentido do texto, explica VALERY, e esclarece: não há autoridade do autor.<sup>10</sup>

Isso porque a condição de receptividade da mensagem é variável e subjetiva. Inclui caracteres psicológicos, sociológicos e vivências do leitor. A interação desses fatores determina as "estratégias de leitura" relativamente diversificadas. Assim, essa afirmação está baseada na simples verificação segundo a qual dois indivíduos, de *status* social e psicológicos diferentes, não lêem da mesma forma um tratado, uma carta familiar, um modelo de emprego, um artigo de dicionário.

O texto é interpretado pelo leitor, que o utiliza a seu modo, para se recrear, para estudo, para crítica. A obra de ficção é transformada em arquivo para ciência e para história. Prova evidente que o leitor decide, na maioria das vezes, o que pretende encontrar no livro. É quase um sentido individual de pesquisa, de constante aprimoramento, de descoberta de potencialidades pessoais dentro do texto lido.

<sup>10</sup> Citado por GIRARD, p.37.

Não se pode dizer também que a leitura conduz à sabedoria. Há bons e maus livros. VALERY sugere seleção. Na escolha, entra o leitor com toda sua capacidade e espírito crítico. É importante ler bons livros, alerta PROUST.<sup>12</sup> A leitura pode ser o início da vida intelectual do indivíduo. Se ela fosse sempre fator de crescimento, ANDERSON complementa, não teríamos hoje tão grande número de maus leitores.<sup>13</sup> A maioria, embora tenha maturidade suficiente para a aprendizagem, perdeu tal oportunidade. É a análise criteriosa, a extração de conceitos adequados, o aproveitamento e adaptação das idéias apresentadas, ou seja, é toda a capacidade do leitor que encaminha ao pensamento crítico.

O ato de ler requer esforço pessoal. Ler é processo complexo, porquanto é a interação entre o texto e o leitor que vai proporcionar a compreensão do assunto exposto. Cabe ao indivíduo, não só selecionar o material a ser lido, mas extrair do texto seu real conteúdo. Em suma, deve saber usar o que lhe é ofertado.

Estudos efetuados na direção de determinar a extensão do uso funcional da leitura, como atividade de vida diária, são pouco animadores. Trinta e quatro por cento dos testados era incapaz, concluiu HARRIS, de completar um formulário visando ao internamento médico. Oito por cento tinha dificuldade de preencher questionário destinado à obtenção de carteira de motorista. Quarenta e quatro por cento dos pesquisados, corroborou

<sup>11</sup>Citado por GIRARD. p. 37.

<sup>12</sup>Citado por SCHIMANN, D. MOIRAND, S. Une approche communicative de la lecture. Le Français dans le Monde (153):74, mai/jun. 1980.

<sup>13</sup>ANDERSON, Irving & DEARBORN, Walter. The Psychology of teaching reading. New York, Ronald Press, 1952. p.96.

NORTHCUTT(1975), em diligência semelhante, era inábil na enumeração das qualidades pessoais com o propósito de solicitar empregos ou encontrar ocupação compatível com suas aptidões.<sup>15</sup>

A inabilidade de assimilar mensagens é aproveitada pela propaganda. Confiante no despreparo do povo, na pouca compreensão do texto e na super valorização da palavra oferece-se, pelos meios de comunicação, a ilusão de uma fácil e melhor qualidade de vida.

Enfoques difusos e pessoais são significativos na utilização diária da leitura. Para muitas profissões, sobretudo as liberais, a leitura é a própria rotina de trabalho: provas, levantamentos, processos, projetos, pareceres e documentos. Em entrevistas informais, direcionadas especificamente para esse trabalho, com pessoas de diversas profissões e níveis sócio-culturais, a fim de anotar a relevância da leitura e sua utilização real e cotidiana, concluiu-se que, inobstante elas leiam muito, só o fazem com material técnico, específico do setor. Os expertos sentem que, do grau de cultura, informação, acompanhamento e buscas em sua área, depende diretamente seu desempenho. A leitura é, nesse caso, auto-investimento, a ferramenta principal com vistas ao aperfeiçoamento contínuo, atuação adequada e, principalmente, expansão de oportunidades profissionais.

A leitura atua de modo decisivo no sentido do crescimento integral do homem. Amplia o raciocínio, o espírito crítico, a compreensão, ao mesmo tempo em que robustece o conhecimento e

<sup>15</sup> Citado por AARON, Ira. Today's reading achievement with suggestions for improving tomorrow's performance. Journal of Research and Development in Education, 11(3):6, 1978.

garante o aprimoramento profissional. É o apoio da comunicação; enquanto a pessoa adquire cultura lendo, aprende a escrever, a conviver com as palavras, e conseqüentemente, a se comunicar melhor. O indivíduo vive o seu tempo e sua vida reveste-se de novo significado. Como exprime TRAGTENBERG, "fazer a história é estar nela presente e não simplesmente nela estar representado."<sup>16</sup>

A leitura é o sustentáculo do desenvolvimento; sua ausência significa marginalização, sub-vida, restrição de oportunidades. É também o princípio do progresso, da inovação, da incrementação técnica e científica. Sua inexistência, numa etapa qualquer da história, induz automaticamente o estudioso a pensar em povos primitivos, em condições tribais, incapazes de evoluir, de inovar, a repetir indefinidamente gestos e atitudes de seus antepassados, sem qualquer influência externa.

Implicitamente, quando se alude a desenvolvimento, em verdade se está a referir a melhores condições de vida, em todos os aspectos, sendo a leitura condição básica e insubstituível em cada um deles. Está igualmente presente na comunicação que agiliza o progresso.

<sup>16</sup> Citado por FREIRE, p. 47.

## LEITURA COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO

Não devemos cessar a exploração  
E quando chegarmos ao seu final  
Deveremos chegar onde começamos  
E conhecer o lugar pela primeira vez.

T. S. Elliot

Num mundo de significado e de símbolos, a cultura é história pessoal de experiências vividas e aprendidas no lar, escola e comunidade. É responsável diretamente pelo desenvolvimento e vida intelectual do indivíduo, constituindo-se em elemento preponderante não só para comunicação eficiente como também para aquisição de estilo pessoal.

O homem interage com seus companheiros por intermédio da fala pela audição, e da escrita pela leitura. Escutar é outra metade do conversar e ler a outra metade do escrever. Leitura é processo linguístico.

A linguagem escrita perpetua a cultura e, ao registrar sua história, a converte em civilização, pois descreve suas particularidades, leis, dogmas, usos e costumes.

O fundamento da leitura é a imitação, que nesse tema se constituiu em processo social de aprendizagem. É imitando, ou seja, repetindo, gestos, palavras e expressões, que se aprende a ler e a conviver. O alfabetizar permite acesso à linguagem escrita, contacto com novo universo de idéias e ações, que se aceitas

e admiradas, serão imitadas e, desse modo, incorporadas à vida do indivíduo. Inicia-se, em corolário, processo de auto-educação e estabelece-se o princípio da educação permanente, ou seja, estar sempre informado, ao par dos últimos acontecimentos e teorias, num contínuo crescimento.

O sentido de comunicar, de procurar se expressar com exatidão, é tão intenso que RUSSEL ponderou não melhorar uma frase cujo sentido o satisfizesse,<sup>1</sup> valorizando, dessa forma, a idéia, a espontaneidade, em detrimento do estilo.

A leitura, como a comunicação, é base de governo, reflexo direto da opinião do povo. O objetivo mais importante para Thomas JEFFERSON é preservar esse direito e se lhe coubesse decidir entre governo sem imprensa ou imprensa sem governo não hesitaria em preferir o último.<sup>2</sup>

Ler é receber comunicação. Por meio dela é possível penetrar novo contexto de idéias, adquirir novas noções, receber outras influências, interar-se de fatos diferentes, alicerçar novéis conhecimentos. Como ressalta HOLMES, "a mente humana que se alarga para uma nova idéia jamais retorna às suas antigas dimensões."<sup>3</sup>

Impossível prever todas as circunstâncias do ato de receber e comunicar. Quando Daniel DE FOE, em 1719, escreveu "As

<sup>1</sup>RUSSELL, Bertrand. Ensaio céticos. Rio de Janeiro, Opera Mundi 1970. p. 48.

<sup>2</sup>Citado por GEHLMANN, J. & BOWMAN, M. Adventures in American literature. New York, Harcourt, Brace & World, 1966. p. 13.

<sup>3</sup>Citado por JAMES. M. & JONGEWARD, D. Nascido para vencer. São Paulo, Brasiliense, 1975. p. 226.

Aventuras de Robison Crusoê", não podia imaginar o processo de comunicação que deflagaria e o número de edições futuras de um livro pelo qual não lhe pagaram dez libras. Foi tal o sucesso de sua obra que ela atravessou séculos e fez aparecer novos Robinsons. Em 1812, R. WYSS criou o suíço e Fenimore COOPER o americano. Suas idéias motivaram variações, atingiram e influenciaram várias culturas e países.

O'NEILL continuou o processo de comunicação iniciado por STRINDBERG. Quantas novas comunicações terá ele efetuado? Provavelmente tantas quantas forem os leitores de suas obras, intérpretes de seus personagens, espectadores de seus dramas. Os comentários e críticas decorrentes iniciam novos processos, desencadeiam novas comparações. Isso porque a comunicação não pára. Tão dinâmica quanto a vida, está presente em cada opinião ou contradição. É a busca incessante de estilo, de afirmação pessoal. É o confronto com o pensamento do outro, num intercâmbio permanente de idéias.

A leitura pode influenciar existências, desencadear processos de grupo, servir para sancionar atitudes e ações. Evidência disso é encontrada em minutas de processos comprovando que alguns criminosos haviam lido determinado romance policial antes de cometerem seus crimes.

Há duzentos anos, a leitura de "Werther", de GOETHE, levou alguns leitores a imitar o herói do livro suicidando-se. Tão marcante a influência que se passou a falar na "febre de Werther".

Na Grécia antiga, PLATÃO advertia contra os perigos da manipulação: Consentiremos descuidadosamente que as crianças ouçam toda a sorte de histórias causais, engendradas por qualquer

pessoa e recebam em suas mentes idéias as mais das vezes totalmente contrárias às que desejamos que tenham quando adultos?<sup>4</sup> ARISTÓTELES lembrava a necessidade de exercer a mais cuidadosa vigilância sobre as palavras e as histórias que chegam aos ternos ouvidos das crianças. Convém afastar de seus olhares e seus ouvidos toda palavra e todo espetáculo indigno de um homem livre.<sup>5</sup>

Cecília MEIRELES indaga: "Se vemos tantos exemplos de destinos grandiosos que derivam das primeiras leituras, por que não aceitarmos que muitos desastres humanos possam aí encontrar sua origem?"<sup>6</sup>

Deve a leitura conservar a importância que teve até agora? O livro pode ser um instrumento perigoso e isolar o leitor da sociedade. "Embora não tenha sido comprovado se existe realmente diferença fundamental entre os motivos que levam uma jovem a ler histórias de amor e um homem a ler uma obra de Thomas More, pode-se dizer que ambos", consigna NUTZ, "como leitores, demonstram uma conduta anti-social, já que interromperam o contacto com seu ambiente durante o tempo em que estão lendo."<sup>7</sup>

A manipulação pode começar com a literatura infantil. É exercida pela censura e proibição, controle das ofertas de li-

<sup>4</sup> PLATÃO. La república. Madrid, Ferraz, s.d. p. 52.

<sup>5</sup> ARISTÓTELES. A política. Rio de Janeiro, ed.Ouro, s.d. p. 196.

<sup>6</sup> MEIRELES, C. Problemas de literatura infantil. 2.ed. São Paulo, Summus, 1979. p. 100.

<sup>7</sup> Citado por DODERER, K. A influência exercida pela literatura sobre os jovens. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 62: 22, jan./abr.1977.

vros, esclarecimentos unilaterais e ênfase deliberada de certas opiniões radicais nas escolas.

Em regimes ditatoriais verifica-se por vezes a preocupação em manipular a consciência dos jovens, inculcando-lhes o ódio racial, o espírito guerreiro, pela ideologia literária, como ocorreu na ditadura facista de Hitler, na Alemanha.

Inobstante, as opiniões sobre a função ideológica da leitura divergem. Em alguns países, como a Holanda, a resistência à manipulação é objetivo oficial do ensino. Se, por exemplo, afirma RIESMAN, "uma criança parece mais influenciada por livros do que por pessoas, pode ser que as pessoas sejam tão opressivas que a criança esteja buscando nos livros uma fuga dessa opressão."<sup>8</sup>

A análise textual mostra que a língua é meio de manipulação. Os textos argumentativos não são apenas transmissores de idéias e opiniões. Todo texto manipula. Como defende RIESMAN: "Anseios individualistas obtêm apoio bem como excesso de apoio na variedade de caminhos de vida descritos na publicação impressa e na dramaturgia. Estar a sós com um livro é estar a sós num novo caminho."<sup>9</sup>

O cuidado em salvaguardar a herança cultural pode conduzir a certo conservadorismo, a inculcar valores não escolhidos e transmitir apenas uma concepção de cultura burguesa. Nesse caso, do ponto de vista ideológico, seu ensino tem efeito conservador, porquanto somente textos definidos pela

<sup>8</sup> RIESMAN, David. A multidão solitária. São Paulo, Perspectiva. 1971. p. 169.

<sup>9</sup> RIESMAN, p. 162.

ideologia burguesa são reconhecidos e explorados.

Em princípio todo texto pode servir de subterfúgio para exame e compreensão das técnicas de manipulação. Um diagnóstico das pressuposições, em relação a essa interpretação, é facilmente observável: "Se tu és homem, tu serás meu amigo." Vê-se, claramente, o pressuposto: as mulheres são incapazes de verdadeiras amizades. As histórias infantis oferecem exemplos típicos da manipulação: o bem é sempre recompensado, quem obedece é feliz. Deve-se ensinar o leitor a verificar as premissas para evitar que sejam vítimas passivas da manipulação. Também é relevante mostrar-lhe que as opiniões são implicitamente impostas e que as estruturas argumentativas são largamente utilizadas para reforçar o conteúdo.

As técnicas literárias são igualmente usadas para a manipulação ideológica. O suspense, por exemplo, é fenômeno construído sobre princípios a serem consignados. Ele emociona, diverte. Enquanto conduz a atenção para a busca do assassino ou sua descoberta, o texto faz o leitor esquecer de estudar a culpa, se é completamente individualizada ou produto de erros sociais. Ainda, como frisa RIESMAN, "todos parecem culpados até que sejam retroativamente inocentados pelo encontro do verdadeiro assassino; assim, a vitória do herói justifica seus feitos e seus erros. O ganhador leva tudo, torna-se uma tautologia."<sup>10</sup> Atraindo a atenção para o fato do casamento da mocinha, o texto mostra também que toda órfã, pura e meiga, sempre consegue o melhor; que toda mulher fatal é ruiva e impõe seu gênio sem ligar

<sup>10</sup> RIESMAN, p. 170.

as conseqüências. O mesmo ocorre com o humor. Todo surdo é chato, motivo de chacotas, por não ouvir o que ocorre em redor.

Afigura-se importante também tornar clara a mensagem implícita do texto. Pesquisas demonstram que, quanto mais baixo o nível educacional, maior a tendência para a má leitura. Observou-se também que, quanto menor a escolaridade, maior o perigo de uma doutrinação primária pela má literatura.

A influência dessa literatura ocasiona ainda desenvolvimento de estereótipos cunhados em exemplos literários, refugo, fixação de preconceitos e, num aspecto mais geral, a maneira frustrante e pobre de pensar e sentir que reforça o consumo dessa literatura.

O problema dessa influência negativa transcende a própria manipulação e traz alterações sociais imprevisíveis. MEIRELES lembra: "Considerando-se que o homem é um ser social que conseqüências aguardam, no futuro, os que não se comprometeram com a corrupção presente? Que cordeiros iremos preparar para tantos lobos?"<sup>11</sup>

O problema da manipulação e a necessidade de saber ler é bem visualizado por FREIRE: "Se antes os textos geralmente oferecidos como leitura escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra." Conclui com a síntese perfeita anti-manipulação: "Já não é possível texto sem contexto."<sup>12</sup>

<sup>11</sup> MEIRELES, p. 104.

<sup>12</sup> FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo, Autores Associados, 1982. p. 35.

Se a manipulação ocorre, falha é a comunicação. Todo processo de informação supõe relação íntima entre o fato e o momento histórico, um confronto entre realidade e ocorrência desejável. A leitura tem a função de possibilitar ao indivíduo acompanhar as mutações de seu tempo, inteirar-se dos acontecimentos para, de posse de dados concretos, realizar as opções convenientes.

Obfirma-se ser a leitura processo extremamente complexo. Pode propiciar conhecimentos, ser agente de comunicação ou manipulação. Daí a necessidade de educação para a leitura, a fim de que o leitor aprenda a extrair o sentido exato, a fazer opções válidas, enfim, a fazer da leitura fator de crescimento.

## DESENVOLVIMENTO DO HÁBITO DA LEITURA

Não basta um pouco de atenção dada a uma leitura para revelar uma preferência ou uma aprovação. É preciso que o indivíduo viva a sua influência, fique carregando para sempre, através da vida, essa paisagem, essa música, esse descobrimento, essa comunicação.

Cecília Meireles

A leitura pode-se constituir num prazer. Oferece evidentes vantagens como ampliação de vocabulário, de conhecimento e de cultura. Mas, na leitura recreativa, isso não é o mais importante. Lê-se para sonhar, para usufruir o tempo livre, penetrando em outros mundos e épocas, transcendendo, desse modo, à própria individualidade.

Selecionar a matéria de leitura é igualmente indispensável. Dependendo da escolha, os livros podem conduzir ou bloquear o pensamento. É agradável distrair-se lendo uma bela história, participando das grandes paixões e aventuras, apreciando como espectador ou uma seqüência de fracassos ou as brilhantes demonstrações de estilo e inteligência do escritor.

O prazer de ler nasce com a continuidade. MONTEIRO LOBATO diz que o defeito dos livros impróprios e, portanto, refugados pelas crianças, está em retardar o gosto pela leitura. "Há homens", depõe, "que passaram a vida sem nunca ler um livro, fora dos escolares" e esses nunca são lidos por prazer, sempre por

obrigação.

"Justamente por não terem tido, em criança o ensejo de ler um só livro que lhes falasse à imaginação. Só os que têm a felicidade de na idade própria entrarem em contacto com livros que interessam, esses se tornam grandes leitores e por meio da leitura prolongam até o fim da vida o progresso auto-educativo. Quem começa pela menina da capinha vermelha pode acabar nos Diálogos de Platão, mas quem sofre na infância a ravagem dos livros instrutivos e cívicos, não chega lá nunca, não adquire o amor pela leitura."<sup>1</sup>

Para poder apreciar o que se lê, além do hábito, é necessário compreensão do texto. O prazer é uma experiência forte e subjetiva, sem descrição exata. ZIMMERMANN anota ser mais difícil verbalizar o prazer de ler do que falar dos diferentes tipos de leitura. Cada leitor, com suas vivências e subjetividade, sente e usufrui de maneira pessoal e diferenciada.<sup>2</sup>

Em entrevista com adultos, para verificar as vantagens da leitura como lazer, ela foi classificada como "satisfação solitária", possibilitando a recreação sem necessidade de ninguém mais. Os dois pólos foram, de um lado, "o desenvolvimento de novas idéias", que permite penetrar num universo diferente do nosso e, de outro, o "prazer da compensação", ou seja, ver expresso por outrem o que é de conhecimento pessoal.

<sup>1</sup> MONTEIRO LOBATO, J.B. Préface e entrevistas. São Paulo, Brasense, 1972. p. 102.

<sup>2</sup> Citado por LABONTÉ, R. Lire avec plaisir em français langue seconde. Le Français dans le Monde (141):81, nov./dec.1978.

Oferece-se o gosto pela leitura de vários modos. Vive-se a hora da "cultura mosaica", segundo expressão de Abrahm MOLES, em que os meios de comunicação se tornaram, talvez, mais importantes do que o livro.

O indivíduo amadurece e procura novos livros. Às vezes retorna aos já lidos para sentir novamente as mesmas emoções. Porém, nem sempre os mesmos livros repetem sentimentos anteriores. Podem reconduzir à lembrança da leitura anterior, sempre ligada às contingências do momento, lugar, idade, cansaço e humor.

SABINO mostra o prisma exato da leitura recreativa: "Aos 17 anos", conta ele, "andava com um exemplar do Banquete de Platão debaixo do braço," mas, confessa:

"bom mesmo era Edgar Wallace, "O Homem de Marrocos" e "O Círculo Vermelho", em que o assassino era o próprio detetive. Apanhava os livros na Biblioteca Pública de Belo Horizonte, ou lia lá mesmo, um por noite. Já havia lido quase toda a coleção Terramarear, de Song Kay, o Pirata, as Ilhas de Coral, passando pela série Tarzã. Lia-se de verdade naquele tempo."<sup>3</sup>

O gosto pela leitura vem do próprio ler. É lendo que se desperta a vontade de ler mais, que o interesse é desenvolvido. Aparece a necessidade de estar informado, de procurar passatempo. Mas a leitura, principalmente a recreativa, tem que ser compreendida pelo leitor. Quando SABINO escreve "lia-se de verdade naquele tempo", está aludindo à leitura como recreação. Havia, é claro, desejo maior, uma busca de estilo (tanto que hoje ele

<sup>3</sup>SABINO, Fernando. Gente II. Rio de Janeiro, Record, 1975, p.67.

escreve e a leitura ensina também a escrever), desejo de aprimorar-se, o que não invalida o sentido lato da recreação. É o mesmo aperfeiçoamento que procura alguém em outra forma de lazer ou na prática de esporte, um sentido de melhorar sempre, de crescer, prevalecendo, contudo, a satisfação pessoal.

Um livro, como qualquer outro objeto, alerta Henry MILLER, serve de pretexto para o que estamos buscando na realidade.<sup>4</sup> A leitura pode, por conseguinte, ser simples entretenimento (revistas ilustradas, novelas, policiais, romances), meio de informação (obras de divulgação), ou, sem perder as características de lazer, auto-aperfeiçoamento. Oferece momentos de ilustração e reflexão.

É hábito e deve ser desenvolvido desde a infância. "Se muitas crianças", argumenta MEIRELES, "têm na infância o melhor tempo disponível da sua vida, que talvez nunca mais possam ter a liberdade de uma leitura desinteressada, compreendemos a importância de bem aproveitar essa oportunidade."<sup>5</sup>

A criança não se sente aceita como membro da sociedade a não ser que tenha aprendido a ler. Ler é, nesse sentido, princípio de auto definição. MEIRELES ilustra bem esse desejo infantil: "Quando eu ainda não sabia ler, brincava com os livros e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo."<sup>6</sup>

A leitura estabelece o contacto da criança com os personagens maravilhosos nos jardins encantados ou no mundo eletrô-

<sup>4</sup>Citado por ESTRAZULAS, E. Como despertar el hambre por la lectura (II). El Día, Montevideo, 7 jul.1979. p.12.

<sup>5</sup>MEIRELES, Cecília, Problemas da literatura infantil. 2.ed.São Paulo, Summus, 1979. p.96.

<sup>6</sup>MEIRELES, p. 10.

nico dos super-heróis. A criança penetra nesse ambiente mágico. Identifica-se com o que lê. É, por alguns momentos, o rei justo e bom, o cavaleiro valente e corajoso, o menino protetor dos animais, o super-homem que aproveita seus poderes para ajudar os fracos. Como bem disse MEIRELES: "Diante de cada história o leitor veste a pele de herói e vive sua vida, arrebatado de sensação em sensação à surpresa do desenlace."<sup>7</sup>

Ensinamentos tácitos são absorvidos. É o princípio do pensamento reflexivo. É o desenvolvimento da imaginação. O filme fornece a imagem e, por essa forma, retém a fantasia. Na leitura, as minúcias, as descrições, permitem ao leitor idealizar tudo. Ele imagina o personagem principal dentro de seus padrões de beleza. Sente o sofrimento de acordo com seus valores, mescla sua vida com o que lê. Psicólogos entrevistados especificamente para esse trabalho, asseveraram que a leitura fornece uma visão global, linear e organizada do universo. Colabora para manter o equilíbrio psicológico, ou seja, oferece ao leitor elementos para melhor entender o mundo.

Em toda atividade o interesse garante o sucesso, o êxito e a continuidade. É o que impulsiona o progresso da leitura. Quando o estudante encontra livros que o agrada, a apatia é transformada em prazer e auto-satisfação que gera a confiança própria. O sucesso traz sucesso.

O primeiro grande estudo dos interesses infantis na leitura foi realizado em 1897, por BULLOCK, no Colorado. Jordan o descreveu em 1921. O estudo inclui mil e quinhentos alunos do quinto grau, os quais deviam indicar a preferência por histórias

<sup>7</sup>MEIRELES, p.100.

de aventuras, dos grandes homens, histórias de amor, de fantasia ou de guerra. A partir daí, passou-se a oferecer livros que atendessem às solicitações da idade, para que o leitor se identificasse com o texto e fosse levado a ler mais.

BULLOCK promoveu, em pesquisas subseqüentes, o enfoque da influência particular e interpretativa sobre categorias dos interesses da leitura, que foram listadas como quesitos familiares e podem ser reconhecidas em outras investigações (WISSLER, 1899, VOSTROVSKY, 1899, JORDAN, 1921, PURVES e BEACH, 1972, ROBINSOS e WEINTRAUB, 1973.)

Vinte e cinco estudos concluíram que os jovens preferem poesia, romances e não textos técnicos ou científicos, e desgostam de discussões literárias, segundo conclusões de PURSES e BEACH, em 1972.<sup>8</sup>

As crianças pequenas revelam suas preferências de leitura quando se lhes fornece apropriadas opções, conforme identificado em pesquisas de WITTY, COOMER, MC BEAN (1946), ROGERS e ROBINSOS (1963), FORD e KOPYLAY (1966), RANKIN e THOMAS (1968), MASON e BLATON (1971).

Esses e outros trabalhos cumpridos em 1970 enumeram os principais interesses infantis na leitura: animais (histórias reais e de fantasia), contos de fadas, de crianças (próximas e de países distantes) e histórias da natureza (GRAY, 1960, WITTY, COOMER e BEAN, 1946; BYERS, 1964, WIBERG e TROS, 1970.)<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Citado por CARTER, M.S. Interests and reading. Journal of Research and Development in Education, 11(3):61, 1978.

<sup>9</sup> Citado por CARTER, p. 63.

Investigações sociológicas sobre leitores jovens, na Alemanha, mostram crescente interesse pela não ficção. A estatística publicada naquele país (Marianne Felsche, "Leitura durante as horas de lazer dos alunos", Revista para Professores de Hesse, 1959) confirmou outras investigações sobre interesses, mostrando que são semelhantes em diversas culturas. As crianças que freqüentam escolas elementares preferem livros de detetives e de vaqueiros. As meninas gostam de histórias de amor. Com a continuidade da ação pedagógica diminui a freqüência de leitura de novelas baratas.<sup>10</sup>

Os estudantes de primeiro e segundo graus (KIRSCH, 1975) demonstram interesse pela ficção realística e leitura informativa. Nos graus intermediários (HARRIS e SIPAY, 1975), evidenciam interesses diferentes de acordo com o sexo. Os meninos escolhem histórias de aventuras, mistério, ciência e invenções. As meninas optam por histórias sentimentais de vida escolar e doméstica.

Nos trabalhos desenvolvidos na década 1940-1950 incluíram também estudantes do segundo grau, para estimar a variedade de opções, uma vez que o adolescente apresenta preferências distintas. STRANG (1942) ocupou-se dos interesses dos treze aos cinquenta anos, cujas conclusões enfatizaram mais as diferenças individuais do que as semelhanças na escolha dos assuntos objeto de leitura. Em pesquisa junto a estudantes do segundo grau, NORWELL (1950) criticou a tendência dos adultos de impor seus pa-

<sup>10</sup> DODERER, K. A influência exercida pela literatura sobre os jovens. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 62:20, jan./abr.1977.

drões estereotipados de vida aos adolescentes.

KIRSCH, PEHRSSON e ROBINSOS (1976) denotaram preferências em leitura em dez países e apontaram mais semelhanças do que diferenças em duas mil crianças. Por exemplo, crianças nos dois primeiros anos de escola, lêem histórias de fadas e fantasias. Idade e sexo são os grandes determinantes dos interesses, maiores que os fatores sócio-econômicos. (HARRIS e SIPAY, 1975, LIEBLER, 1973.)

O *status* sócio-econômico e a condição ambiental, anotou WADE, em 1970, têm efeito significativo nas escolhas de livros para lazer. Outro estudo comparou o interesse das crianças da cidade e do campo. ZIMET e CAMP (1974) encontraram interesses similares entre os dois grupos de crianças, enquanto JOHS, (1975) e KOPYLAY (1968) concluíram que as crianças da cidade preferem as histórias de campo.<sup>11</sup>

A observação direta é a melhor maneira para detectar interesses em leitura. Os questionários, largamente utilizados e recomendados não revelam a realidade. A entrevista permite visão mais exata dos interesses. SHORES (1954-1964) e CARTER (1975) comprovaram que os estudantes, sensíveis à opinião e crítica, escolhem os livros que deveriam ler e não os que gostariam.

Observações realizadas na Alemanha, em 1963, sobre o interesse dos operários pela leitura, revelaram que um jovem operário não lê nem a metade dos livros e nem um terço dos jornais lidos por um ginasião. A escola pode aí ser considerada como multiplicadora do consumo da leitura.

<sup>11</sup> Citado por CARTER, p.64.

Diversas investigações obfirmam esses dados e reforçam a conclusão, mal percebida mas de grande importância, de que em quase todo o mundo crianças e jovens, pela influência das escolas, lêem mais do que o adulto. Em nenhuma idade, convém pôr em relevo, o ser humano tem espírito tão aberto, culturalmente tão influenciável, como durante os primeiros anos.

A realidade brasileira também pode ser invocada para demonstrar os problemas mais freqüentes, relacionados com a ausência de escolaridade e leitura. O índice de analfabetos no País, ao que se sabe das estatísticas oficiais, está em torno de trinta por cento. Nos exames de vestibular de faculdades do Rio de Janeiro, os resultados das provas de redação revelaram falta de organização mental, ausência de lógica no raciocínio, desconhecimento do valor das palavras, falta de criatividade, ausência de pensamento crítico e reflexivo, pobreza de vocabulário, impropriedade de conceituação e definição. Quer significar que, na escala PIAGET, o nível mental dos jovens de dezoito anos equivale ao de meninos de sete a onze anos, ou seja, são retardados mentais, desinformados, sem conhecimento do sistema sócio-político, econômico, cultural do País; limitam-se a repetir frases feitas, fornecidas por ideologias que os exploram.<sup>12</sup>

TORLONI faz a avaliação do panorama educacional brasileiro: "Cerca de 800.000 professores militam no primeiro grau em todo o país e apenas sessenta por cento são diplomados. Cerca de cem mil lecionam sem haver concluído o curso primário. Na capital de São Paulo quarenta por cento dos professores que en-

<sup>12</sup> MACEDO, N. Uma triste safra. Minas Gerais, Belo Horizonte, 28 set. 1980. p.11.

sinam nas primeiras séries não tinham sequer curso sobre modernas técnicas de leitura."<sup>13</sup> Evidentemente, nesse contexto, a leitura é uma atividade a mais, sem qualquer motivação. Não há preocupação em criar o hábito. O professor, despreparado, sem a devida formação, vai cumprir mecanicamente sua tarefa, estabelecendo uma rotina de trabalho onde impera a monotonia, o desinteresse e a dissociação entre escola e realidade. TORLONI continua demonstrando o interesse dos professores em se aprimorar: "Abertos os cursos de aperfeiçoamento, inscreveram-se em massa, espontaneamente, redundando em sensível melhoria qualitativa do ensino."<sup>14</sup>

A deficiência educacional é agravada pela realidade de pobreza e problemas econômicos. A criança brasileira é forçada a abandonar a escola. Seu trabalho é necessário para melhorar a renda familiar. De cada cem alunos, registra TORLONI, matriculados na primeira série, nem vinte chegam a concluir o primeiro grau, denunciando a baixíssima produtividade do sistema.<sup>15</sup> Essa evasão, ocasionada pela terrível distorção social, a exigir que o aluno largue a escola, é uma razão a mais para que se invista na leitura. Se o estudante adquiriu o hábito de ler, aprendeu a gostar e manusear livros pode, mesmo deixando a escola, continuar lendo e se informando. É o princípio da auto-educação, o início da educação permanente, que garantirá o desenvolvimento pessoal e a eficiência da educação básica. Se isso não ocor-

<sup>13</sup>TORLONI, R. Os problemas começam no 1º grau. In: VEJA: Receita Brasil. São Paulo. Abril, 1978. p.163.

<sup>14</sup>TORLONI, p.163

<sup>15</sup>TORNOLI, p.163.

re, a ação escolar, interrompida e interminada, é totalmente esquecida, havendo daí um enorme retrocesso, praticamente um retorno ao analfabetismo.

Outra discrepância sói acontecer entre o interesse do leitor e os livros adotados nas escolas. São lidos, embora não apreciados, e exercem influência na formação do gosto literário. A ação escolar estabelece duas formas de leitura infanto-juvenil: a imposta e a escolhida livremente. Às vezes elas diferem tanto que o leitor parece ser levado a "esquizofrenia literária"<sup>16</sup>, uma espécie de antagonismo ao texto escrito, consequência da atuação negativa da escola, em que a leitura é encarada como atividade monótona e desinteressante.

Exemplo típico dessa distorção pedagógica é o caso da garotinha de uma das escolas de primeiro grau da cidade. Queria aprender a ler. Radiante, entrou no primeiro ano. No último dia de aula chegou feliz com o boletim na mão e alegria no olhar. Vencera: "Veja, mamãe, passei. Já sei ler, Não preciso mais ir para a escola."

Valiosa é a crítica de GIRARD sobre o "perigo do ensino."<sup>17</sup> A estratificação de normas, leis e princípios, bem como a disciplina imposta e as exigências escolares, muitas vezes, incompreendidas pelo aluno, pode, em vez de vivificar, suprimir o desejo de evoluir e aprender. Os conhecimentos, objetos de ensino, são listados sem levar em consideração as carências e interesses do estudante que, desmotivado, cumpre as obrigações, sem

<sup>16</sup> GIRARD, M. La lecture désintéressée ou le bonheur de lire. Le Français dans le Monde (141):39, nov.1978.

<sup>17</sup> GIRARD, p.39

entusiasmo e vontade de evoluir. Ocorre, então, o que ANDERSON denuncia: pessoas com maturidade suficiente, mas sem oportunidade de aprender, porque, ou o momento passou, ou o indivíduo, por não ter sido devidamente atendido no momento certo, foi prejudicado.<sup>18</sup> Se isso acontece, falho é todo o processo educacional, que desconsiderou a individualidade, habilidades e qualidades pessoais do aluno, atendo-se aos programas a cumprir. A leitura, estigmatizada como tarefa escolar, como atividade imposta e indesejada, jamais será hábito e dificilmente proporcionará momentos agradáveis de descontração.

É preciso verificar se o leitor tem, de fato, maturidade necessária para ler. Segundo PIAGET, aos onze-doze anos, ocorre a etapa das operações formais. O indivíduo é capaz de raciocinar a partir de hipóteses, de exprimir a abstração por meio de proposições, de isolar as variáveis e de deduzir os sistemas de relações possíveis. Na criança essa atitude se manifesta pela procura de uma só constante num conjunto de correspondências. Ela consegue realizar a operação formal de implicação e então deduzir que os efeitos observados num fato dado vão se repetir em todos os casos onde esse fato intervém.

Entre os quatorze-quinze anos o adolescente tem condições de raciocinar por hipóteses de dedução, de realizar as operações mentais sem recorrer a objetos materiais, de isolar as variáveis dependentes de muitos fatores, e de efetuar as dezesseis operações binárias do pensamento lógico. Sua reflexão não se limita mais a um tipo de relação de cada vez. O estudante é capaz de

<sup>18</sup> ANDERSON, Irving & DEARBORN, Walter. The psychology of teaching reading. New York, Ronald Press, 1952. p. 96.

examinar as possíveis conseqüências de cada fator isolado, sem, no entanto, mudar o valor dos outros fatores. Reconhece a necessidade de compreender o porquê das relações observadas e de realizar as operações de implicação, equivalência, disjunção e exclusão simples e recíproca.<sup>19</sup>

Está, portanto, apto para examinar e assimilar as numerosas complexidades da sintaxe e da leitura.

Além da maturidade necessária, outras variáveis significativas devem ser consideradas, tais como, a elevação do nível de instrução escolar, para o desenvolvimento do hábito de ler, e a melhoria do padrão de vida. Este último dado possibilita o aumento das despesas destinadas à compra de equipamentos de lazer. Assim, o livro é menos caro do que em 1910 e o aumento de pelo menos trinta por cento do tempo livre, a partir da época em que apareceu a grande imprensa, incrementou novas atitudes de lazer, inclusive a leitura de livros.

A realidade brasileira de hoje, todavia, parece não se enquadrar nas características acima. O livro tem custo elevado e, diante da atual crise econômica, outros itens apresentam prioridades em termos de consumo final. Apesar de todas as dificuldades financeiras, o brasileiro, especialmente aquele dotado de maior poder aquisitivo, ainda lê.

Outro assunto, que merece reflexão, é a influência de outros meios de comunicação sobre a leitura, em especial a televisão. A propósito, MELO publicou, em 1969, os resultados de trabalho sobre consumo dos meios de massa por estudantes universi-

<sup>19</sup> INHELDER, Barbel & PIAGET, Jean. Da lógica da criança à lógica do adolescente. São Paulo, Pioneira, 1970. p. 251.

tários. A maior percentagem de entrevistados (90%), sobre como se inteirava dos fatos da atualidade, optou pela leitura de jornal e a mais baixa (46%) escolheu a televisão e a leitura de revistas. O tempo médio devotado a cada meio favoreceu, em primeiro lugar, a leitura de livros e apresentou resultados mais baixos novamente no caso da televisão e revistas.<sup>20</sup>

A idéia de que a televisão e o rádio interceptam o hábito da leitura não é totalmente verdadeira. DODERER verificou, na Alemanha, que os livros apresentados na televisão são vendidos em maior quantidade e mais rapidamente. Por exemplo *Fúria (Fury)*, *As Duas Lolotas (Das Doppelte Lottchen)*, de KASTNER.<sup>21</sup>

Investigações efetuadas em França demonstraram que três por cento dos cidadãos passou a ler mais depois da aquisição do televisor. Quarenta e nove por cento lê na mesma intensidade e quarenta e oito por cento lê menos.<sup>22</sup>

Inquirição a respeito do mesmo tema, entre alunos de dez a quinze anos de idade, revelou que mais de dois terços dos meninos e meninas preferem a leitura de determinados livros por sugestão dos meios de comunicação.

Levantamentos americanos puseram em relevo que a substituição da leitura pela televisão só atinge metade das pessoas que lêem. O tempo para leitura é retirado de ocupações sem propósitos definidos e de conversas desinteressantes.

<sup>20</sup> Citado por PFROMM NETO, Samuel. *TV e crianças ou os perigos da escola paralela. O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 out. 1977. p. 25.

<sup>21</sup> DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo, Perspectiva, 1973. p. 195.

<sup>22</sup> DODERER, p. 19.

Consenso oposto foi obtido pelos presentes no Congresso da Federação dos Escritores Alemães em Munich, que classificaram a televisão como "armário de tóxicos sociais e aturdimiento de massa"; para Jordem SODEMANN, escritor e crítico alemão, ela conspira contra a lucidez, pensamento e, conseqüentemente, contra o livro e a boa literatura. Qualificou seu aparato e orientações como "tóxico social". Rudolf MOOSHAMMER completou a idéia, lembrando que o dia do trabalhador começa às seis da manhã e termina as vinte e uma horas. Ele assiste televisão das dez às vinte e uma horas porque não tem forças para outro tipo de pensamento. Mesmo assim, os empregados compram livros e os jovens se sentem atraídos pelos problemas do meio ambiente e pela história de seu país. Todavia, a televisão diminui a força de vontade e a motivação para uma leitura qualquer, mantém o telespectador distraído com o mínimo de esforço pessoal.<sup>23</sup> A imagem garante compreensão de oitenta por cento, não é necessário esforço nem pensar, havendo recebimento passivo de informação.

Pesquisas de PRADO, no Rio de Janeiro, atestam que sessenta e três por cento de telespectadores é composto por pessoas de nível de escolaridade elementar de quatro a cinco anos ou menos, inclusive analfabetos e semi-alfabetizados; vinte e nove por cento tem escolaridade secundária e oito por cento tem nível superior. Estudos realizados por PFROMM NETO, em 1972, com estudantes universitários do Rio de Janeiro, sobre a televisão, revelaram que ela é considerada o mais desagradável, mau, tolo, confuso, aborrecido e emocional dos meios de comunicação de massa.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> Citado por ESTRAZULAS, E. Escritores contra la TV em Alemania. El Dia, Montevideo, 19 abr.1980.p.15.

<sup>24</sup> PFROMM NETO, p.25

Obtêm-se mais cultura, assertiva CARPENTER, em menos tempo, pelo rádio e televisão. Imenso o volume de informações por eles oferecidos em uma hora, ao passo que a leitura exige do escritor anos de trabalho e do leitor horas incontáveis de leitura reflexiva que requer, mais esforço e tempo para absorção de igual conteúdo.<sup>25</sup> Ele não examina o aspecto qualitativo. Atêm-se apenas às facilidades trazidas pelos canais de comunicação com notícias e programas imediatamente entendidos, com a capacidade de adormecer pensamentos que deveriam estar despertados em mentes abertas e curiosas.

"Seria inútil deixar de reconhecer que o livro não é mais, para as grandes massas, o instrumento funcional de cultura," comentou Wladimir PORCHÉ, ex-diretor da Rádio Diffusion Française, em 1955.<sup>26</sup>

O importante é comunicar. Não importa o meio. "Se um livro é lido por cinquenta mil leitores ou se um programa de televisão é visto por seis milhões de espectadores e, desse modo, ambos influenciaram a imaginação," considera KNOLL, "isso me parece mais um problema quantitativo e não qualitativo."<sup>27</sup> A quantidade é fator importante, pois a expansão de idéias e padrões ocasiona mudanças sócio-culturais e evolução mais rápida.

A curiosidade da criança a guia naturalmente à leitura, podendo os meios de comunicação, bem orientados, ajudar a incrementar essa arte. Imprescindível que a escola, com suas normas,

<sup>25</sup>Citado por ESTRAZULAS, E. El libro sin suplentes ni sustitutos. El Dia, Montevideo, 12 mayo 1979. p.xii.

<sup>26</sup>Citado por DUMAZEDIER, p. 204.

<sup>27</sup>Citado por DODERER, p. 19.

regulamentos e metas, não interfira negativamente. Ao contrário, cabe a ela impulsionar as potencialidades do indivíduo, despertar o interesse, a curiosidade, o gosto pela pesquisa, o hábito de ler. Parece importante por igual examinar a sua atuação em relação à metodologia empregada, critérios para seleção de livros, preparo dos professores, ou seja, o próprio ambiente escolar, início sistemático da vida intelectual.

## ASPECTOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DA LEITURA

Não basta dar passos que algum dia possam levar-nos à meta, mas cada passo há de ser uma meta completa, sem deixar de ser um passo.

Goethe

As dificuldades no ensino da leitura começam pela própria linguagem dos livros textos. Há duas opções: a dos clássicos reconhecidos, estudados ou não numa perspectiva diacrônica e adaptados às ocorrências dos alunos; e os textos modernos, que constituem a literatura trivial (romances, livros policiais, revistas em quadrinhos). O texto de leitura não deve ser documento privilegiado, mas integrado à metodologia escolar e analisado como documento completo e não complementar da atividade.

A linguagem dos livros e assuntos escolares é artificial e infamiliar, diferente do modo espontâneo, direto e incisivo da criança se comunicar. As situações expressas nesse linguajar fabricado para ensinar, suas ordens, solicitações, sugestões e ocorrências, constituem quase uma nova categoria de comunicação: a linguagem escolar. É ela incompreensível para muitas crianças e causa da enorme dificuldade em aprender a ler.

O mais grave, em relação à essa discrepância linguística, destaca SARTRE, é as crianças poderem ser persuadidas que a linguagem escrita vivenciada na escola é modelo para toda forma de linguagem. Essa convicção já desencoraja o início da vida

intelectual.<sup>1</sup>

A história das últimas décadas mostra não terem sido eficazes as medidas para ensinar a ler e escrever. A comunicação oral é inadequada ao atendimento das exigências do mundo moderno; e a comunicação escrita é necessária ao bem estar social e econômico. A dificuldade maior, conclui STEINER, é a exclusão de milhares de pessoas das possibilidades educacionais,<sup>2</sup> que conduz fatalmente à marginalização cultural.

A própria evolução da linguagem ocasiona problemas de comunicação.

Os adultos de hoje parecem julgar com indiscriminada dureza a capacidade de expressão da juventude, que lhes parece muito fraca, denota FITURY, reflexo da pobreza de vida interior. Seja nas reuniões barulhentas, nas canções ou em qualquer outra forma de manifestação artística, há predomínio da frase feita, da onomatopéia, do gesto inarticulado, do pensamento não conclusivo. É legítimo considerar tal fenômeno como mal inerente da época, indaga ele? É suficiente incriminar os meios de comunicação a fim de justificar a degradação de expressão? Como possível solução a melhoria de vocabulário FITURY sugere o rompimento com a tradição escolar e a premência de motivar o aluno para uma necessidade real e pessoal de ler determinado livro.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Citado por RIVERS, Wilga. La compréhension de l'écrit: apprentissage et enseignement de la lecture. Le Français dans le Monde (141):17, nov./dec.1978.

<sup>2</sup> ELSASSER, N. & STEINER, V.P.J. An interactionist approach to advancing literacy. Harvard Educational Review, 47(3):355-69, Aug.1977.

<sup>3</sup> Citado por ESTRAZULAS, E. Como despertar el hambre por la lectura El Día, Montevideo, 30 jun.1979. p.13.

Parece não haver, na linguagem escolar, nenhum liame com a existência, preocupações, sentimentos e valores do aluno; em verdade, ela apela para o esnobismo latente no estudante, com tendência de encobrir o sentimento de insegurança pela superficialidade cultural. Não é propósito educacional sério ensinar o aluno a falar com a elite; às avessas, pela educação pretende-se socializar e aprimorar potencialidades humanas. Usar a leitura tão-só para aprender uma língua é confrontar perigosamente dois objetivos irreconciliáveis. O aluno não é capaz de ler textos literários. Sua criatividade não é estimulada pelo estudo árido e exigente de textos obrigatórios. Sua consumação permanece totalmente passiva e ele dificilmente estabelece qualquer tipo de vínculo entre os estudos e suas próprias capacidades.

A escola deve oferecer condições para incrementar o interesse pela leitura; reduzindo-a, porém, como faz hoje, a um conteúdo puramente pedagógico, o que deveria ser escolha torna-se imposição e por aí nada é apreciado. Toda injunção contraria frontalmente à pesquisa e a descoberta, sendo a atividade substituída pela passividade e o interesse pelo desinteresse. Numa palavra, a leitura é afastada da vida do indivíduo.

SABINO, como muitos, sofreu com esse quadro escolar. Comenta a metodologia adotada, ineficiente e monótona, tão em desacordo com os anseios dos estudantes. "O que se ensinava em matéria de Português era apenas para nos fazer desprezar para sempre a nossa língua. Ninguém aguentava ler GARRET, HERCULANO, CAMILO, para não falar em VIEIRA, Frei Luís de SOUZA ou mesmo GIL VICENTE, depois das implacáveis análises lógicas a que eram submetidos." Era também severo crítico do critério de seleção:

"Quanto aos brasileiros ficamos sabendo que o sertanejo era antes de tudo um forte, "Os sertões" era antes de tudo um chato, principalmente a primeira parte. E o que dizer da poesia? Nunca conseguimos passar das armas e dos barões assinalados: Lusiádas se tornou para nós um pesadelo, porque ninguém sabia onde diabo se escondia o sujeito da oração naqueles versos retorcidos. É verdade que nos impingiam, de mistura com versinhos piegas de poetas medíocres, alguma coisa melhor de Bilac, Castro Alves, Raimundo Correia, Cruz e Souza. Mas não sabíamos distinguir o que era bom do que era ruim. O bisturi da análise sintática ia arrebatando versos, violentando palavras, assassinando a poesia dentro de nós."<sup>4</sup>

A tristeza da vida escolar, as dificuldades incríveis para aprender, o contexto de apatia, a pouca atuação do professor são descritos por Graciliano RAMOS: "Andei sempre em ziguezagues. Certamente não foi o segundo livro a causa única do meu infortúnio. Houve outras, sem dúvida. Julgo, porém, que o maior culpado foi ele."<sup>5</sup> Havia esperança que o terceiro livro trouxesse lindas histórias. Entretanto, isso não aconteceu. "Foi por esse tempo que me inflingiram Camões ... Sim senhor, Camões em medonhos caracteres borrados e manuscritos. Aos sete anos, no interior do Nordeste, ignorante da minha língua, fui compelido a adivinhar, em língua estranha, as filhas de Mondego, a linda Inês, as armas e os barões assinalados."<sup>6</sup>

A realidade ainda é deficiente. Sonia LAMONTIER, coordenadora de ensino do primeiro grau do MEC admite a necessidade de

<sup>4</sup> SABINO, Fernando. Gente II. Rio de Janeiro, Record, 1975. p.22.

<sup>5</sup> RAMOS, Graciliano. Infância. Rio de Janeiro, Record, 1975. p.122.

<sup>6</sup> RAMOS, p. 126.

uma reforma total no livro didático. Segundo ela "14 milhões de estudantes do 1º grau não recebem livros adequados ao aprendizado - que está motivando descontentamento em todos os setores da educação."<sup>7</sup>

Com autoridade de professora, educadora e escritora de livros infantis, Alaide Lisboa de OLIVEIRA declara:

"Sinto que precisamos voltar a dar, na escola, antologias bem organizadas, em que se encontrem trechos de grandes escritores de literatura infanto-juvenil e de adulto; em que se destaque também o nosso folclore. Defendo a tese de que o livro de leitura escolar deve ser essencialmente literatura; se conseguir informar será por decorrência de envolvimento literário. Informações objetivas virão nos livros de Ciências Sociais e outros."<sup>8</sup>

Carlos Drummond de ANDRADE denomina os livros escolares de "puros almanaques de expressão e comunicação", que não estimulam o gosto da leitura, não sugerem, não fascinam, "são verdadeiras saladas de notícias e dados sobre esporte, música popular, curiosidades, até literatura."<sup>9</sup>

Alguns professores, sensíveis e amantes da leitura, compreenderam a importância de despertar esse interesse. Como frisava Juan MANUEL: "como cada homem aprende melhor o que lhe agrada mais, quem quiser ensinar alguma coisa aos outros, deve en-

<sup>7</sup> POLÍTICA ao livro didático. Gazeta do Povo. Curitiba, 28.nov.1982. p.20, c. 2.

<sup>8</sup> Citado por ANDRADE, C.Drummond de, Livros. Gazeta do Povo, Curitiba, 5 abr. 1982. p. 11. c.4

<sup>9</sup> ANDRADE, p. 11. c.4

siná-la de maneira que será a mais agradável àquele que for aprendê-la."<sup>10</sup> O ensino tradicional, perceberam aqueles mestres, só apresentava resultados negativos. Resolveram dotar a aula de leitura de forma mais atrativa e interessante. Impunha-se abolir o livro texto que, pela pobreza de conteúdos, pelo artificialismo das situações descritas, nada estimulava. Era preciso ofertar mais, fazer dessa atividade uma lição implícita de estilo, de criatividade e mostrar a beleza e importância de aprender a língua materna, de ler bem um texto, de compreender seu conteúdo e mensagem, de entender o sentido exato. Só um livro escrito com a preocupação de comunicar realmente, de divulgar as idéias do autor, transmitiria isso; não um livro que apequena sua atuação a um público restrito, que percorre série distintas de determinados cursos e deve tomar conhecimento de assuntos listados num programa, um livro sem qualquer outra finalidade salvo a pedagógica.

Uma professora adotou "O Coração", de Amicis. O livro é um diário. Conta o dia a dia da escola e da vida, Valoriza a amizade e a justiça. Contém histórias de heroísmo, compreensão e patriotismo. O livro agradou. Os alunos se emocionavam. Alguns chegaram a chorar e não se constrangiam com isso. O clima da sala era de total liberdade. Lia-se para saber o que ocorria e não para fazer exercícios de gramática ou prestar atenção. O interesse era tanto que várias vezes, os alunos pediam para reler determinados capítulos.

<sup>10</sup> Citado por MEIRELLES, Cecília. Problemas de literatura infantil. 2.ed.. São Paulo, Summus, 1979. p. 562.

No ano seguinte, a professora não pode utilizar o mesmo livro. De edição portuguesa, não havia número de exemplares suficientes. Preferiu, então, "A Macacada", de Viriato Correia, com idêntica metodologia ler para entender o conteúdo, e foi igualmente bem sucedida.

Outras professoras optaram pelos livros de Monteiro Lobato: "O Saci", "Memórias de Emília", "Viagem ao Céu". Teciam comentários e críticas das situações. Nada fora da compreensão do texto era cobrado dos alunos.

O incentivo à frequência da biblioteca também não pode ser desdenhado. Lauro de Oliveira LIMA magistra: "Somos, talvez, dentre os países considerados civilizados, o país em que a biblioteca tem menos função. Basta saber que elevadíssima percentagem de escolas, e uma escola é fundamentalmente uma biblioteca, não possui bibliotecas."<sup>11</sup>

Nada obstante sejam inúmeras as divergências e oposições no ensino da leitura, na escolha da metodologia e dos materiais adequados, todos concordam que ensinar a ler é difícil, principalmente pela multiplicidade de objetivos, insuficiência de recursos, problemas com a didática e motivação das mais carentes.

A aprendizagem da leitura deve basear-se no sistema psicológico e linguístico, porquanto há relação entre psico-linguística e processo educacional. Este aspecto no ensino da leitura tem sido muitas vezes negligenciado. Todavia, nenhuma proposta com assento em teorias psico-lín-

<sup>11</sup> Citado por MEIRELLES, p. 56

guísticas, que contrariam fatos educacionais estabelecidos, é seriamente aceita.<sup>12</sup>

Estudos de AUSTIN e MARRISON, em Harvard Carnegie (1961 e 1962), atestam o lugar irrelevante da leitura nas escolas elementares de hoje.<sup>13</sup> Aí o problema de todo desenvolvimento intelectual, pois a leitura é fator significativo para o sucesso e melhores oportunidades de vida. Os resultados iniciais da instrução em leitura demonstram que as diferenças individuais entre professores e escolas, ostensivamente com mesmos métodos e materiais, são mais importantes que as diferenças entre metodologias. (BOND e DYKSTRA, 1967, MORRIS, 1966.)<sup>14</sup> O insucesso de muitos programas federais para incrementar o ensino da leitura tem focalizado a atenção no professor como centro do processo educacional.

O fracasso da escola, admite KOZOL, é ela funcionar somente nove meses por ano e não ensinar as habilidades difíceis, especialmente a de ler.

A escola e sua metodologia realizam tarefa repetitiva. Aprendizagem é processo dinâmico. O interesse é consequência da descoberta e a escola contenta-se em apresentar fatos para serem memorizados.

As crianças não entendem o que lêem, revelam pesquisas de BOSCHI, da Universidade de Florença. Se um garoto não sabe

<sup>12</sup>Citado por GEMAEL, Rosirene. O luxo e o lixo do trabalho escolar. Correio de Notícias, Curitiba, 2 jul. 1979. p. 18

<sup>13</sup>Citado por GUTHERIE, J. & SPERT, M. Research and education in reading. Journal of Research and Development in Education, 11(3):18, 1978.

<sup>14</sup>GUTHERIE & SPERT, p.19.

ler, ou seja, não compreende o significado da página escrita aos quatorze anos, muito dificilmente aprenderá depois disto. O professor Luigi CALONGHI muito trabalhou com métodos de ensino da leitura e enfatiza que o jovem lê frequentemente com muita dificuldade ou até mesmo sem entender o significado das frases que tem diante de seus olhos. Acostuma-se, nos seus estudos, a decorar e considerar num texto apenas poucas frases escolhidas aqui e ali para se cansar menos.<sup>15</sup> Impossível, sem o domínio completo da leitura, sem a devida compreensão, haver interesse, aprendizagem e, muito menos, gosto pela leitura.

De outra parte, os recursos áudio-visuais são interessantes como auxiliares do ensino, sendo que a audição facilita a apropriação correta das palavras. Úteis para o ensino de línguas, favorecem a incorporação de pronúncia escoreta e possibilitam a aprendizagem de expressões idiomáticas, bem como a adoção de peculiaridades linguísticas. Apresentam, contudo, desvantagens evidentes. Além de cansativos, estimulam a repetição de conteúdos já fixados, sem possibilidade de crescimento contínuo e amplo. O aluno aprende a estrutura correta da frase; porém, é conhecimento isolado, que não direciona nem à generalização nem a vivências reais.

Em termos de assimilação, estudos demonstraram que a percepção visual atinge a oitenta-por-cento, ficando a parte restante - vinte-por-cento para o método auditivo.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> PESQUISA revela que as crianças não entendem o que lêem. Gazetinha, Curitiba, 19.ago.1979. p.5.

<sup>16</sup> WILLENS, E. El valor humano de la educación musical. Buenos Aires Paidós, 1981. p.54.

A técnica visual requer, de qualquer modo, um constante aprimoramento. As situações utilizadas, compostas em harmonia com o texto, são, na maioria das vezes imensamente pobres. Consistem em desenhos didáticos, mera ilustração das frases enunciadas. Ora, se o visual é altamente significativo o ideal seria aã concentrar o maior número de informações.

O uso de desenhos esquemáticos tornam esse recurso pouco proveitoso para as atividades didáticas. É mais uma opção pedagógica, para propiciar aulas atraentes e agradáveis. Não substitui ou elimina a leitura. É um instrumento de aprendizagem, que é complementado pela leitura com reforço de conteúdos, desenvolvimento da reflexão, senso crítico e capacidade de detectar dificuldades e encontrar alternativas.

Embora surjam novas metodologias e haja preocupação com o ensino da leitura, a ação escolar é falha e desmotivante.

Entre as inúmeras causas determinantes do fracasso do ensino da leitura pode-se citar:

1. Falta de envolvimento dos professores. Em vez de sentir o projeto como seu, muitas vezes o professor interpreta como algo imposto e não o incorpora em sua vivência profissional.

2. Atuação passiva do professor. Não há envolvimento com alunos nem conhecimento de seus problemas e carências. As generalizações verbais e novas proposições não são executadas em sala de aula.

3. Pouca ou nenhuma reciclagem para os professores. A avaliação é corretamente comunicada, não se lhes explicitando, porém, aspectos e procedimentos a serem desenvolvidos.

4. As observações dos supervisores, em suas orientações e aconselhamentos, são somente verbais. Nada de concreto para

corrigir ou melhorar potencialidades do professor ou materiais e atividades de sala de aula. Defeituosa a comunicação oral, nula é a escrita. Não há embasamento metodológico, documentos de apoio, que orientem cientificamente os professores.

Adiante dessas possíveis causas do declínio do ensino HARNISCHEFEGGER e WILEY apontam novos problemas, que ocasionam a formação de professores desqualificados no ensino da leitura:

1. Os cursos exigidos — para habilitação profissional — foram reduzidos a "cursos eletistas", acomodando um "significante e dispersivo número de atividades de aprendizagem."

Valoriza-se sobretudo a crítica literária e a escrita cuidadosa

2. A seriedade de propósitos e atenção para o desenvolvimento de habilidades e conhecimento superior tem diminuído nas escolas, lares e na sociedade como um todo.

3. Mudou a participação da família nas atividades educacionais.

4. A criança de hoje não é tão motivada para ler como no passado.

5. A aprendizagem de hoje, talvez por causa da televisão, é realizada, preferencialmente pela observação e audição do que pelo uso da leitura.<sup>17</sup>

Em rigor, vem-se observando nos últimos tempos enorme defasagem entre escola e realidade. A realidade extra-escolar é extremamente rica, com inúmeras opções agradáveis para os jovens. A valorização do esporte, da dança e de outras modalidades recreativas ou esportivas, despertam muito mais o interesse

<sup>17</sup> Citado por GUTHERIE & SPERT, p. 17.

e exercem considerável atração. Isso tudo ainda é agravado pela pouca ou nenhuma cooperação entre a casa e a escola.

É de conhecimento generalizado o fato de que professores e pais têm as mesmas condições para influenciar a criança. Tanto é assim que crianças provindas de lares em que os pais têm o hábito de ler — e liam para elas quando pequenas — encontram-se sensivelmente inclinadas para a leitura. Os pais que consideram a escola e a leitura importantes tendem a desenvolver esses conceitos em seus filhos. O reverso também ocorre; muitos progenitores, sobre não lerem para seus filhos, despreocupam-se com seu progresso intelectual. Nessas circunstâncias, a ação escolar se restringe às horas de estudo e sua influência é quase nula no restante do período.

A televisão em muitos casos, incentiva mais o desenvolvimento da leitura do que os próprios pais. GALLUP (U.S.A.),<sup>18</sup> em 1977, indicou a média estimada de tempo que as crianças assistem televisão. As respostas dadas pelos pais demonstram que uma criança passa duas horas diárias diante do aparelho, o que equivale de doze mil a quinze mil horas durante os anos escolares. Sessenta por cento dos pais não estabelece tempo definido para televisão durante a semana escolar.<sup>19</sup>

Outras faces da questão também devem ser apreciadas: NEILL desvaloriza a educação literária. Segundo esse autor, "os livros são recursos educacionais menos importantes. A criança deve na-

<sup>18</sup> Citado por JOHNS, Jerry. Motivating reluctant readers. Journal of Research and Development in Education, 11 (3):69, 1978.

<sup>19</sup> AARON, Ira. Today's reading achievement with suggestions for improving tomorrow's performance. Journal of Research and Development in Education, 11 (3):7, 1978.

turalmente saber ler, escrever e contar, porém, além disso, instrumentos, esporte, teatro, som, cores e liberdade são mais importantes que livros."<sup>20</sup>

As novas tecnologias por certo acarretam igualmente modificações em toda a estrutura escolar. Computadores, recursos áudio-visuais e eletrônicos, devem ser utilizados pelos alunos para que recebam uma educação dentro de seu tempo. Por sua vez, as editoras freqüentemente revisam seus materiais, atualizando conteúdos e métodos, procurando, enfim, adequá-los às novéis tendências educacionais. A hodierna técnica exige também contínuo aperfeiçoamento do professor, sem embargo de alguns serem refratários às inovações.

A propósito, o despreparo do professor, segundo diagnóstico dos americanos, é a causa principal do ensino deficiente da leitura. Nos cursos de magistério, perceberam ROEDER, BEAL e ELLER, que o futuro professor aprende a ensinar uma série de atividades e menos como estimular o gosto pela leitura.<sup>21</sup> Quando um professor é graduado supõe-se que esteja dotado de um mínimo de conhecimentos metodológicos e psicológicos no sentido de bem conduzir a aprendizagem. Nada mais falso, porém. Não há garantia de que os recém-graduados possuam curso de metodologia da leitura ou compreensão fundamental de como ensinar para torná-la um hábito. A formação profissional recebida oferece condições ao novo professor de ensinar seus alunos como jogar, cantar, argumentar sobre assuntos familiares, desenhar, etc., mas não pa-

<sup>20</sup> Citado por DODERER, K. A influência exercida pela literatura sobre os jovens. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 62:22, jan./abr. 1977.

<sup>21</sup> ROEDER, H. & ELLER, W. What Johnny knows that teacher's educators don't. Journal of Research and Development in Education, 7(1):3, 1973.

ra instruí-los a interpretar palavras, compreender textos escritos, ou criticar e avaliar textos selecionados.

Os cursos de magistério não preparam o professor para o dia a dia escolar, a fim de serem atendidas as exigências da educação básica. Os professores manuseiam livros escolares e cartilhas, mas desconhecem métodos de leitura. Discutem sua importância, filosofam sobre a insipidez da vida sem os altos valores literários, mas não sabem nem ensinar a ler, nem despertar o gosto pela leitura. Vão aprender na prática, empiricamente, sem o devido respaldo técnico e científico, e a atuação ineficaz se reflete nos baixos índices de escolaridade dos últimos anos.

Investigações das últimas décadas (FRY, 1966, BOND, 1967, ELLER, 1969) indicaram que o professor é a variável mais importante no processo educativo, anotado também a circunstância de que os futuros professores deixam colégios e universidades sem dominar métodos para desenvolver ou corrigir problemas de leitura, ocorridos diariamente em salas de aula. A solução, então, encaminha-se para a formação de um programa de treinamento intensivo do ensino da leitura.

Após o curso de primeiro grau, concluíram os autores que o aluno quase não recebe auxílio para melhorar suas habilidades de leitura. Apontaram de igual modo a grande distância entre o ensino formal e as exigências reais.<sup>22</sup>

Diante do quadro, parece ser urgente o preparo de professores para atender os estudantes em suas dificuldades e necessidades no domínio da leitura, em todos os estádios de escolaridade. Embora as diferenças individuais e criatividade variem e extrapolem os controles obtidos nas variações sistemáticas, é possível ofe-

<sup>22</sup>Citado por ROEDER, p.4.

recer sólida instrução em metodologia da leitura e tornar o professor apto para bem atuar.

O relacionamento entre o professor e o aluno é fundamental no processo ensino-aprendizagem. O estudante há de sentir o interesse do professor em sua formação. Sua curiosidade deve ser estimulada e seu progresso incentivado. Os aspectos afetivos são mais importantes no ensino da leitura do que os cognitivos. Quando o aluno se sente aceito e valorizado, a aprendizagem da leitura é maior, corroborou HARRIS. Estudos puseram a nu ser essa situação consequência do tempo insuficiente destinado a leitura em muitos programas educacionais.<sup>23</sup> O professor, no afã de vencer os conteúdos exigidos, sacrifica as aulas de leitura e seu relacionamento com os alunos, preocupando-se com o aspecto cognitivo do ensino, extremamente cobrado e apreciado, e relega o emocional, pretendendo com isso obter efeitos positivos imediatos.

Os programas concebidos para treinamento de professores arrolaram características e habilidades a serem desenvolvidas. Não se detectou, contudo, a razão de certos professores alcançarem maiores êxitos no ensino da leitura. A verdade é que alguns conseguem maior interesse, receptividade e resultados mais compensadores. Nada obstante a exigência de unanimidade entre especialistas e técnicos em educação, sobre competências necessárias para o magistério, não há unanimidade de pensamento com relação às bases fundamentais do ensino e desenvolvimento de habilidades de leitura, nem para os requisitos essenciais que caracterizam um bom mestre.

Diversas maneiras de categorizar as atividades dos professores foram listadas por GEORGE (1927). O professor pode re-

<sup>23</sup>HARRIS. A. The preparation of classroom teachers to teach reading, Journal of Research and Development in Education, 7(1):13, 1973.

forçar objetivos afetivos, psico-motores ou cognitivos.<sup>24</sup> É o informador, disciplinador, alertador, conselheiro. Ele motiva, dirige a percepção, e esclarece respostas e fornece reforço. Todas essas qualidades são altamente necessárias no ensino da leitura.

Mudanças e inovações metodológicas devem ser realizadas partindo de uma reavaliação dos problemas e falhas mais frequentes, ocorridos na escola, indispensáveis à formação de bons profissionais. Uma vez bem equipada, em suas condições ambientais e pedagógicas, a escola deve assumir seu papel. É responsável pelo início sistemático da vida intelectual do indivíduo e, por decorrência, de sua vida profissional. É o momento mais adequado para a introdução da educação permanente. Se a escola de primeiro grau exercer sua função e desenvolver o gosto pela leitura propiciará ao indivíduo a continuidade da vida intelectual, como ressalta FURTER, a subjetividade de "viver a vida", de adquirir uma forma de "expressar no mundo a presença que deseja."<sup>25</sup>

Convém relevar, no entanto, que as universidades, por mais bem equipadas, a nível tecnológico e humano, não podem ensinar aos estudantes tudo o que precisam saber para a vida profissional, nem habilitar os graduandos para acompanhar as mudanças sociais e entender as necessidades de seus alunos. Todo formando devia estar capacitado para ser professor de leitura, uma vez que ela é fator essencial em qualquer área de estudo.

<sup>24</sup> Citado por ROEDER, p. 4.

<sup>25</sup> FURTER, Pierre. Educação permanente e desenvolvimento cultural. Petrópolis, Vozes, 1974. p. 118.

Os cursos de educação das universidades não podem oferecer todo o conhecimento necessário, pois a complexidade de conceitos, habilidades e atitudes votadas aos ensino estão em constante mudança.

Faculdades e escolas têm a responsabilidade de verificar se os cursos de metodologia da leitura atendem às necessidades reais das escolas, nas quais esses profissionais atuarão. Os professores primários carecem de sólidas bases sobre habilidades e instrução em leitura. No entanto, a leitura não é valorizada nos currículos dos cursos em magistério. Parece não ter havido conscientização de sua real importância; em rigor, é tratada como um aspecto da didática da linguagem.

Mister dar unidade à ação pedagógica no sentido de que sua finalidade seja, além de fornecer informações pré-estabelecidas, como lindou FURTER, "criar condições indispensáveis para que o homem possa continuamente formar-se e tornar-se um agente do desenvolvimento."<sup>26</sup>

A necessidade de equipe altamente preparada na área educacional continua crescendo. Uma multiplicidade de oportunidades significativas deve ser oferecida aos professores como requisito de atuação mais eficaz. Para isso, deve-se insistir na importância do ensino da leitura, visto ela garantir o aprimoramento sistemático e a atualização constante dos currículos e programas, o que propicia melhores resultados. Ela evita também a lacuna existente, pela qual, na observação de JACKSON, milhões de pessoas estão mal atendidas nas necessidades de liderança e

<sup>26</sup>FURTER, p. 118.

as situações que excitarão sua curiosidade, inspirando-os a querer mais.<sup>27</sup> É o nascimento da consciência profissional, estado de alerta ao investimento na educação, fator básico para a formação de profissionais capazes e conscientes. Há, no entanto, dicotomia entre o ensino sistemático e a realidade. São linguagens diferentes e estanques. A linguagem escolar, seus valores, seus regimentos rígidos e regras pré-fixadas,— e a vida diária, com suas atrações, dinamismo e mobilidade. São mundos opostos, ligados apenas pelas exigências sociais e necessidade de transmissão de conhecimentos. A leitura, bem orientada, pode ser o elemento de equilíbrio, levando à escola os últimos acontecimentos, inventos, tendências, modismos literários, que enriquecerá o currículo e tornará as aulas mais atraentes e produtivas e colocará a escola no tempo presente.

<sup>27</sup> Citado por SUCHER, F. Staff development for reading teacher Journal Of Research and Development in Education, 11(3):45, 1978.

## CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Sou daqueles que quando o amor fala, noto, e  
a maneira que dentro fala, vou escrevendo.

Dante

A partir das convicções defendidas nesta dissertação, concluiu-se ser a leitura requisito preponderante no processo de desenvolvimento; é também princípio de comunicação. Está presente em todos os setores da atividade humana, a permitir o contacto, pela escrita, com os momentos mais significativos da história, a consignar os acontecimentos passados e da atualidade.

Os meios de comunicação, embora altamente avançados e sofisticados, não substituem a leitura; ao contrário, valem-se dela para maior precisão das transmissões, com vistas ao aperfeiçoamento de seus próprios recursos técnicos.

Saber ler é tarefa complexa que ultrapassa o simples reconhecimento de palavras. É preciso compreender o sentido do texto e raciocinar a partir das informações recebidas, interpretando o que foi lido.

A leitura conduz à escrita, leva à informação, desenvolve o raciocínio abstrato, as habilidades de dedução, ao mesmo tempo em que amplia a cultura, o vocabulário, a criatividade e provê uma forma pessoal de se comunicar. É lendo que se aprende a escrever, a se expressar de modo subjetivo, a adquirir um

estilo original e pessoal.

A ação da escola deve ser total no sentido de bem orientar o ensino da leitura, com a participação de todo o corpo escolar. Os diretores que, de modo geral, assumem tarefas técnicas, estão atentos às atividades de leitura, exercendo eficientemente liderança junto ao corpo docente.

Por sua vez, ao supervisor cabe colocar o ensino da leitura como um dos objetivos mais relevantes, base das atividades escolares, com a elaboração de programas específicos, abarcando todo o corpo docente. Há de mostrar aos professores a necessidade de conhecer e usar novas metodologias de leitura, para garantir o bom nível de aprendizagem. Vai fazer sentir a cada professor a importância de sua atuação, como incentivador do gosto de ler. Sua ação se estenderá particularmente aos professores de outras disciplinas, para que estes, devidamente alertados, passem a ser também professores de leitura. Cada elemento da escola é um colaborador em potencial e seu desempenho positivo é assaz válido, dependendo do ambiente escolar o sucesso da ação pedagógica.

Além dos professores orientadores, os pais hão de ser envolvidos nos programas de leitura. Não se pode dissociar a vida diária da criança, com suas alegrias, hábitos e problemas, da vida escolar. Grande parte da motivação dos alunos ocorre fora da escola, constituindo-se numa das causas mais significativas para o aumento do nível de expressão oral e escrita.

Uma vez que as atitudes e comportamentos da criança na classe estão profundamente enraizados em sua casa e comunidade, é aconselhável, para a melhoria das atividades de leitura, que as crianças e adolescentes integrem grupos diferentes, não so-

mente com a participação de professores, administradores e técnicos em educação. Com o propósito de incutir e desenvolver o hábito de ler, é preciso que a atuação escolar seja altamente motivadora e continuada na família.

A atuação do professor é condição das mais relevantes com pertinência ao ensino da leitura. Refoge de dúvidas ser imprescindível a cada profissional maturidade suficiente para assumir e desempenhar seu papel, mantendo-se bem informado sobre as inovações metodológicas, as novas técnicas de ensino e, principalmente, sobre as necessidades, problemas, potencialidades e interesses de seus alunos. Só o professor, consciente de suas responsabilidades, tem condições de zelar pela educação que ministra. Deve-se ressaltar, no entanto, que só pode despertar a curiosidade, interesse, amor pela leitura, aquele que possui essas qualidades. O professor, em vez de ser apenas explicador, haverá de provocar a pesquisa, a descoberta, a reflexão. Com capacidade inventiva e criadora, estará apto a levar os alunos à leitura. Necessário inquietar, mostrar que nem tudo num texto literário é tão simples quanto parece. Descobrir as intenções ocultas e profundas, o verdadeiro sentido do texto, há de se inscrever por igual no rol de aptidões do mestre. Mister também uma boa formação profissional. Todo professor há de ser, primeiramente, não importa a disciplina que ensine, um professor de leitura.

Visando ao adequado preparo do professor, os cursos de magistério e universidades terão de se voltar para a realidade fática. Escolas e universidades requerem constante atualização e avaliação quanto a seus objetivos, ofertando aos alunos o que há de melhor em matéria de ensino e conhecimentos básicos. Cur-

tos rápidos de aperfeiçoamento e atualização farão parte do cotidiano escolar.

Outro tópicos a ponderar é a escolha de textos, apontada por muitos como responsável pelo êxito ou fracasso do ensino da leitura. O livro de leitura há de ser atraente, atendendo as solicitações próprias da idade e nível intelectual e mental dos alunos. Os livros textos constituem os lidos por obrigação, para cumprir exigências e formalismos, pertencendo à rotina escolar. A criança não o incorpora como seu. Crianças de primeiro grau afirmam essa evidência. Falam animadamente de "seus" brinquedos, "sua" professora, "seus" colegas, "seus" deveres, "sua" merenda e do livro de leitura. É plenamente compreensível a ausência do possessivo no tangente ao livro de leitura, porquanto ele não faz parte da vida da criança. Ao final do ano, inteira ou parcialmente lido, é jogado fora, o mesmo acontecendo com o livro da série seguinte. Por conseguinte, ambígua é a ação escolar: ao mesmo tempo em que procura desenvolver o sentido de ordem e cuidado, inutiliza, de logo, o material vencido. O ideal seria a adoção de livro de literatura que, ao final do ano, passe a integrar a biblioteca pessoal da criança, a constituir "seu" livro. O próprio texto é mais real, desligado das exigências escolares e dos objetivos didáticos, a linguagem é mais rica e o conteúdo mais agradável e ameno.

Ademais, a aula de leitura será aquela destinada somente a ler, a entender, a discutir o texto, a explorar situações e não para servir de prolegômenos a nova atividade. Muitas vezes, a leitura é o início de outra aula, tornando-se maçante e monótona. Em outras ocasiões é utilizada para ensinar gramática e o livro adotado é um clássico da literatura, fora da compreensão

e interesse do aluno.

Orientação diversa da hoje existente lindará os programas de leitura, com esquemas práticas a embasar as necessidades e carências dos alunos. O progresso discente será atentamente acompanhado e valorado, visando-se a ofertar sempre a leitura mais adequada. Esses programas pedem sólida avaliação das finalidades, propósitos e objetivos. Parece ser de todo aconselhável documentar os resultados obtidos em cada etapa, para que as falhas possam ser detectadas e corrigidas a tempo. De idêntica maneira, constituir-se-á preocupação permanente verificar se os instrumentos utilizados na avaliação atendem aos fins planejados.

Toda uma política educacional, enfim, há de ser adotada com objetivo de criar mecanismos destinados a levar os alunos a lerem mais, encorajando, inclusive, a leitura como diversão, que conduz à espontaneidade e ao desejo pessoal de buscar novos livros. Só desse modo o ler ultrapassa as paredes da escola e se converte verdadeiramente num hábito, garantindo um bom nível de educação, mesmo àquelas crianças forçadas a abandonar a escola por problemas econômicos. O cuidado com a literatura do jovem é tarefa social de relevo, uma vez que aí está a base do conhecimento e a do desenvolvimento de suas potencialidades. Oferecer ao aluno oportunidades para aprender a gostar de ler será sempre uma das principais funções da escola.

#### RECOMENDAÇÕES

Diante de toda a exposição feita neste trabalho, pensa-se ser recomendável que:

1º) Os meios de comunicação, os quais utilizam largamente a leitura e exercem grande influência nos espectadores e ouvintes, incentivem o seu uso, enfatizando a importância do ler.

2º) A didática da leitura consista numa disciplina autónoma dos cursos de formação de professores, dando-se-lhe o devido valor. Ao futuro professor haverá de se proporcionar melhores condições para o exercício de seu magistério.

3º) Todo professor receba sólida formação sobre metodologia de leitura, afora a disciplina específica que leciona, de modo a ser igualmente um professor de leitura.

4º) O ensino de leitura estenda-se a todas as séries do primeiro grau e não somente às iniciais, a fim de que seja apresentada e examinada em toda sua abrangência e não somente na intenção de dominar mecanismos básicos ou ser material de ensino da gramática.

5º) As aulas de leitura se transformem em aulas recreativas, com o fito de compreensão do texto e, por corolário, do desenvolvimento do hábito de ler.

6º) As aulas de leitura despertem, não só o desejo de ler, mas também a vontade de bem escrever, de expressar claramente, uma vez que quando se lê aprende-se do mesmo modo a se comunicar.

7º) O livro adotado se constitua numa lição implícita de estilo, numa verdadeira aula de linguagem, pela excelência de conteúdo, riqueza de vocabulário e adequação das situações descritas.

8º) O ensino da leitura converta-se num dos principais objetivos do ensino de primeiro grau; assim, a ação escolar que desperta o gosto pela leitura será continuada pelo indivíduo. A leitura tornar-se-á, então, a ferramenta básica para a auto-educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 AARON, Ira. Today's reading achievement with suggestions for improving tomorrow's performance. Journal of Research and Development in Education, 11(3):3-11, 1978.
- 2 ANDERSON, Irving & DEARBORN, Walter. The psychology of teaching reading. New York, Ronald Press, 1952. 382 p.
- 3 ANDRADE, Carlos Drummond de, Livros. Gazeta do Povo, Curitiba, 28 nov. 1982. p.20, c.2.
- 4 ARISTÓTELES. A política. Rio de Janeiro, Ed. Ouro, s.d. 384 p.
- 5 BAL, Mieke. Enseigner la littérature. A quoi de bon? Le Français dans le Monde (154):59-64, juil.1980.
- 6 BIHAN, A. Une rupture. Le Français dans le Monde. (152): 56-68, avr. 1980.
- 7 BOND, Guy & WAGNER, Eva. Teaching the child to read. New York, Macmillan, 1960. 416 p.
- 8 BOSI, Ecléa. Cultura de massa e cultura popular; leitura de operárias. Petrópolis, Vozes, 1972. 178 p.
- 9 CARÉ, Jean Marc & DEBYSER, Francis. Lire la rue dans la rue. Le Français dans le Monde (141):52-9, nove./dec.1978.
- 10 CARTER, M.Silvia. Interests and reading. Journal of Research and Development in Education, 2(3):62-7, 1978
- 11 CAULDWELL, Christopher. O conceito de liberdade. Rio de Janeiro, Zahar, 1968. 255 p.
- 12 COPPOLANI, René. Lecture production ou lecture consommation? Le Français dans le Monde (152):23-8, avr. 1980.
- 13 CULLOUGH, M. Constance. A new look at reading. Journal of Research and Development in Education, 2(3):54-60, 1978.
- 14 DECHANT, V. Emerald. Improving the teaching of reading. 2.e. Englewood-Cliffs, Prentice Hall, 1970. 663 p.

- 15 DODERER, Klaus. A influência exercida pela literatura sobre os jovens. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 62:18-26, jan./abr.1977.
- 16 DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo, Perspectiva, 1973. 337 p.
- 17 DUPRÈ, Sra. Leandro. Éramos Seis. 10.ed. São Paulo, Sarai-va, 1950. 259 p.
- 18 ELSASSER, Nan & STEINER, Vera P. John. An interactionist approach to advancing literacy. Harvard Educational Review, 47(3):355-69, Aug.1977.
- 19 ESTRAZULAS, Enrique. Como despertar el hambre por la lectura. El Dia, Montevideo, 30 jun.1979. p.13, c.1.
- 20 \_\_\_\_\_. Como despertar el hambre por la lectura (II). El Día, Montevideo, 7 jul.1979. p.12, c.4.
- 21 \_\_\_\_\_. El libro sin suplentes ni sustitutos. El Dia, Montevideo, 12 mayo 1979, p.xiv, c.3.
- 22 \_\_\_\_\_. Escritores contra la TV en Alemania. El Dia, Montevideo, 19 abr. 1980. p.15, c.1.
- 23 \_\_\_\_\_. La milenaria juventud de la escrita. El Dia, Montevideo, 19 mayo 1979. p.xiii, c.2.
- 24 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975. 1516 p.
- 25 FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo, Autores Associados, 1982. 96 p.
- 26 FROMM, Erich. O medo à liberdade. 5.ed. São Paulo, Zahar, 1967. 246 p.
- 27 FURTER, Pierre. Educação permanente e desenvolvimento cultural. Petrópolis, Vozes, 1974. 221 p.
- 28 GIMAEI, Rosirene. O luxo e o lixo do trabalho escolar. Correio de Notícias, Curitiba, 2 jul.1979. 18 p.
- 29 GEHLMANN, John & BOWMAN, Mary. Adventures in American literature. New York, Harcourt Brace, 1958. 848 p.
- 30 GENTILE, Giovanni. Teoria general dello spirito. Firenze, Sansoni, s.d. 275 p.
- 31 GIRARD, Marcel. La lecture désintéressé ou le bonheur de lire. Le Français dans le Monde (141):35-40, nov.1978.
- 32 GRAY, William. L'enseignement de la lecture et de l'écriture. Genève, Unesco, 1963. 316 p.

- 33 GUTHERIE, John & SPERT, Mary. Research and education in reading. Journal of Research and Development in Education, 11(3):17-26, 1978.
- 34 HARRIS, Albert. The preparation of classroom teachers to reading. Journal of Research and Development in Education, 7(1):11-7, 1973.
- 35 HIGMAN, B. Étude comparative des langages de programmation. Paris, Dunod, 1973. 220 p.
- 36 IANNI, Octavio. Imperialismo e cultura. Petrópolis, Vozes, 1976. 149 p.
- 37 INHELDER, Barbel & PIAGET, Jean. Da lógica da criança à lógica do adolescente. São Paulo, Pioneira, 1976. 260 p.
- 38 JAMES, Muriel & JONGEWARD, Dorothy. Nascido para vencer. 4.ed. São Paulo, Brasiliense, 1975. 275 p.
- 39 JOHNS, Jerry. Motivating reluctant readers. Journal of Research and Development in Education, 11(3):68-73, 1978.
- 40 LABONTÉ, René. Lire avec plaisir en français langue seconde. Le Français dans le Monde (141):80-6, nov./dec.1978.
- 41 MACEDO, Nertan. Uma triste safra. Minas Gerais, Belo Horizonte, 28 set. 1980. p.12, c.1.
- 42 MEIRELES, Cecília. Problemas de literatura infantil. 2.ed. São Paulo, Summus, 1979. 117 p.
- 43 MONTEIRO LOBATO, José Bento. América. São Paulo, Brasiliense, 1966. 312 p.
- 44 \_\_\_\_\_. A barca de Gleyre. São Paulo, Brasiliense, 1972. 312 p.
- 45 \_\_\_\_\_. Prefácios e entrevistas. 14.ed. São Paulo, Brasiliense, 1972. 144 p.
- 46 MUNIZ, Maria Zely de Souza. Trechos de obras literárias que exemplificam aspectos do estudo de linguagem, pensamento e comunicação. Curriculum 13:17-26, out./dez.1974.
- 47 NAVA, Pedro. Baú de ossos. 4.ed. Rio de Janeiro. J. Olympio, 1974. 396 p.
- 48 O'NEILL, Eugene. Quatro peças. Rio de Janeiro, Opera Mundi, 1971. 281 p.
- 49 PESQUISA revela que as crianças não entendem o que lêem. Gazetinha, Curitiba, 19 ago.1979. 5 p.
- 50 PESSOA, Fernando. Poemas de Alberto Caieiro. Lisboa. Ática, 1963. 102 p.

- 51 PFROMM NETO, Samuel. TV e criança, ou os perigos da escola paralela. O Estado de São Paulo, 9 out.1977. p.26.
- 52 PLATÃO. La Republica. Madrid, Ferraz, s.d. 159 p.
- 53 POLÍTICA ao livro didático. Gazeta do Povo, Curitiba, 28 nov. 1982. p.20, c.2.
- 54 RAMOS, Graciliano. Infância. Rio de Janeiro, Record,1975. 269 p.
- 55 RESENDE, Otto Lara. Letra morta. Gazeta do Povo, Curitiba, 29 mar. 1982. p.19, c.3.
- 56 RIESMAN, David. A multidão solitária. São Paulo, Perspectiva, 1971. 393 p.
- 57 RIVERS, Wilga. La compréhension de l'écrit: apprentissage et enseignement de la lecture. Le Français dans le Monde (141):16-24, nov./dec.1978.
- 58 ROEDER, Harold & ELLER, William. What Johnny knows that teachers educators don't. Journal of Research and Development in Education, 7(1):3-10, 1973.
- 59 RUSSEL, Bertrand. A conquista da felicidade. 2.ed. São Paulo, Nacional, 1966. 197 p.
- 60 \_\_\_\_\_. Ensaios céticos. Rio de Janeiro, Opera Mundi,1970. 282 p.
- 61 SABINO, Fernando. Gente II. Rio de Janeiro, Record, 1975. 160 p.
- 62 SCHIMANN, D. & MOIRAND, S. Une approche communicative de la lecture. Le Français dans le Monde (153):73-9, mai/juin 1980.
- 63 SUCHER, Floyd. Staff development for reading teachers. Journal of Research and Development in Education, 11(3):44-53, 1978.
- 64 TIERNEY, Robert. Motivating the superior reader. Journal of Research and Development in Education,11(3):75-8,1978.
- 65 TINKER, Miles & CULLOUGH, Constance. Teaching elementary reading. Englewood-Cliffs,Prentice Hall,s.d. 661 p.
- 66 TORLONI,Hilário. Os males começam no 1º grau. In: VEJA. Receita Brasil. São Paulo, Abril, 1978. p.161-4.
- 67 UNESCO. A educação do futuro. Lisboa,Bertrand,1978.. 494p.
- 68 WILLENS, E. El valor humano de la educación musical. Buenos Aires, Paidós, 1981. 232 p.

- 69 ZWEIG, Stefan. A cura pelo espírito. Rio de Janeiro, Guanabara, s.d. 335 p.
- 70 \_\_\_\_\_. Encontros com homens, livros e países. Rio de Janeiro, Guanabara, 1942. 418 p.
- 71 \_\_\_\_\_. Fernão de Magalhães. Rio de Janeiro, Guanabara, s.d. 192 p.